

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



A quem ?

S. A. F.

9 - 9 - 95 -

BRAZÕES



B. LOPES

---

# Brazões

VERSOS

RIO DE JANEIRO

FAUCHON & C.<sup>ª</sup>, EDITORES

—  
1895

---

Typ. LEUZINGER — Rio de Janeiro

A MINHA MÃE

Á ESTRELLADA MEMORIA DE MEU PAE





# DOMUS AUREA

## Portico

Espadim de Romeu feito em Verona,  
Posto ao lado do cinto de aureas trenas,  
Afivelado pelas mãos pequenas  
De apaixonada e virginal madona ;

Balcão, cheio de rosas e arabescos,  
Onde um mavioso bandolim se ouvia  
Lá pela noite languorosa e fria...  
Versos tremidos e madrigalescos ;

Torreões de opala, alcovas de escarlata  
Abertas para o amor e para a neve,  
Quando exhalava o Cós, fervente e leve,  
Nas abrifauces amphoras de prata ;

Diaphanas, doces castellãs e méstas  
Damas de honôr, a espreita dos amantes.  
Na gelosia verde dos mirantes,  
Coroadas de pallidas giéstas ;

Dóceis faisões de venezianos paços,  
E cutras aves reaes de adorno e fama  
Pavoneando a pluma-iris e lhama,  
Na balaustrada eburnea dos terraços ;

Setinosas espaduas, nucas de oiro,  
Roçagantes velludos e alta seda,  
Tudo incendiado pela labareda  
Do ciumento olhar de um pagem loiro ;

Globos, talhados em jasmim cheiroso,  
Enchendo o ninho quente dos decotes  
Cheios de beijos e de myosotis,  
N'um romantico effluvio capitoso ;

Modorrento luar de cacto branco  
E camelias albetes esfolhadas,  
Em cujo raio as almas namoradas  
Iam subindo em suspiroso arranco...

Foi-se a vida doirada das varandas  
Perfumadas a lyrio e a violeta...  
Só, do Passado, o amor de Julieta  
N'uma vaga effusão de essencias brandas !

## Sua alteza

### I

Afivelados — cinto e esporas de oiro,  
Volve elle á imagem desolada e branca,  
Que, então, constricta, as lagrimas estanca,  
Desfeita a coifa do cabelo loiro :

Sê tu com Deos ! E si os braços do moiro  
O meu sellado brio não arranca  
E eu não plantar a lança em Salamanca,  
Não sobreviva o corpo a tal desdoiro ;

Ferro de meus avós, D. Florio o jura...  
Eis que subito um pranto de amargura  
Pelos olhos de céu da esposa se abre !

E altivo, e nobre, o cavalleiro assiste  
Á dôr d'essa princeza amada e triste,  
Com a mão em voto sobre a cruz do sabre !

*É este o meu.*

## II

Diaphana, esgalga, apiedando a gente,  
Borboleta de extincta primavera,  
Surge-me d'entre madresylvas e hera,  
Como gelada perola dormente.

No liz murcho da tarde o olhar morrente,  
No extasi frio de estellar chimera,  
Com o livro de Horas no regaço, espera  
Vesper, a hostia do Angelus, no poente...

Açucena lithurgica de ermida ;  
Flúe um frouxo crepusculo de vida  
Seu debil corpo, órgão—sonoro e ethereo,

Que, no anceio divino de outra plaga,  
Como a mais leve das phalenas, vaga  
Balouçada nas azas do Mysterio !

## III

Essa, de luto e palpebra maguada,  
Branca, franzina e lyrial condessa,  
Vai viver sob o imperio da abbadessa,  
N'um convento de Hespanha enclausurada.

Ella, faustosa dama cortejada,  
Tão ás divinas praticas avessa,  
Despe o diadema e os sonhos da cabeça  
No pavor de uma cella amargurada!

Indifferente e rustica tesoura  
Corta-lhe hoje a famosa trança loura,  
Que era o encanto do rei. Sórór humilde,

Vai se engolfar em mysticas tristezas  
A mais galante e bella das princezas,  
A muito amada e pallida Mathilde!

## IV

O alvo espectro de um lyrio se levante  
Ao mago luar de minha fantasia,  
Que não me obumbrá, d'alma doentia,  
O dorido pallôr do seu semblante...

Pallidez de camelia, no ermo instante  
De alçar o calix para a noite fria ;  
Pallôr banhado de melancholia  
De um crepusculo doce e agonisante,

Que é a luz d'esses olhos, repassados  
Da violeta quaresmal do luto,  
Do « miserere » amargo dos pezares ;

Olhos piedosos para o céu voltados  
E cujo pranto é tristemente enxuto  
Na toalha de linho dos altares !

## Turf

Domingo. O verde em baixo, o azul em cima.  
E o crystal da manhã vibrando ao meio ;  
O sol parece um guizo de oiro, cheio  
Da alegria sonora de uma rima.

Bello dia de luz para um torneio  
De florete, que os musculos anima,  
E o sangue, então, na intrepidez da esgrima  
A espadanar-te em purpuras no seio ;

Ou para um « tour de champ » de meia legua  
N'um phaeton de azas, atrelado á egua,  
Lustroso ao sol, como o verniz de um chromo ;

Vendo-te a fina flôr, da archibancada,  
Qual uma enorme e rútila granada  
Flammejando na raia do hippodromo !

## Na Escocia

O espiralado marmore transposto,  
Perscruto, á entrada : sing'ular tristeza  
Vára o palacio heraldico da ingleza,  
O requinte do luxo e do bom gosto.

Da cadeira de Cordova no encosto  
Fulge a cabeça de oiro da duqueza,  
Ao fosco luar da serpentina accesa...  
— Como, senhora, lagrimas no rosto?

E alçando, e abrindo a esguia mão de opala,  
Para saudar-me, um suave cheiro v'oa,  
Como si um lyrio abrisse em plena sala!

Morrera á neve ( ella o episodio traça  
Com um « tremolo » de voz que me magôa )  
O doirado faisão de Sua Graça !

## Namorados

N'essas manhãs alegres, perfumadas,  
De ether sadio e claro firmamento,  
Acariciando o mesmo pensamento  
Percorremos o parque, de mãos dadas.

Aves trinando em cima das ramadas,  
Alvos patos e um cysne a nado lento  
Sobre as aguas do lago, n'um momento  
Pela braza do sol ensanguentadas...

Brilha o sereno tremulo nas pontas  
Do vistoso gramal, como si fosse  
Solto rosario de opalinas contas...

Enquanto uns casos rusticos de aldeia  
Eu vou narrando-lhe, em linguagem doce,  
Escuto a queixa de seus pés na areia!

## Ao chá

Conversávamos uma noite d'estas  
Ao chá, e me fallava a baroneza,  
Meio inclinada ao angulo da mesa,  
De certas cousas suavemente honestas.

Tinha duas paixões : a Italia e as festas,  
As ruidosas partidas da nobreza,  
Em que afogava a lyrica tristeza  
Das fantasias e ambições funestas...

Isto dizia a titular senhora  
A chavena mexendo... E o pranto agora  
De seus olhos azues o brilho empana...

Mas resistiu aos intimos embates,  
E foi levando aos labios escarlates  
A reluzente e clara porcellana.

## Manhã de sport

— Prompto, «mylady». E, improvisado pagem,  
Mão sobre o freio refulgente de aço  
E a outra espalma, em meia curva o braço,  
Eu lhe rendia guapã vassallagem.

Senti-lhe o pé, n'uma pressão de aragem...  
Puxando acima as dobras do regaço,  
— Upa! E entre aromas afflorou no espaço  
A sua esguia e cavalleira imagem.

De um salto eil-a no dorso da normanda,  
Cujo pello de seda reluzia  
Sob o arabesco de oiro da varanda ;

Dei-lhe as redeas colhidas e o chicote ;  
Lépido, galgo a minha montaria,  
E abrimos juntos n'um garboso trote !

## De volta

Tudo me falla aqui, tudo o que vejo !  
O sol do outomno, o riso das crianças  
Invadem-me o palacio das lembranças...  
E o pomar, o jardim, a horta, o brejo

Deste pequeno e manso logarejo,  
Onde ficaram minhas esperanças  
Amarradas ao fio de umas tranças,  
Que ainda vêl-as, sofrego, desejo,

Reproduzem-me a téla colorida  
Dos episodios bons de minha vida  
Passada alegre n'esta velha granja...

Entremos: ainda a mesma é a mobilia...  
Acho, porém, de mais entre a familia  
Um moço extranho e flores de laranja!

## Mameluca

A que ahi anda, esguia mameluca,  
De olhos de amendoa e tranças azeviche,  
Tem uns ares fidalgos da Tijuca  
E petulantes trajos a Niniche.

E' justo, é natural que ella capriche  
Em mostrar o cabelo, a espadua, a nuca  
E essas palpebras roxas de derviche,  
Como um goivo aromal que se machuca.

Abre ás soalheiras, em sanguineo estofo,  
A escandalosa e original papoula  
Do parasol clownesco, alacre e fofó ;

E o lyrio do alto, quando espia o glabro  
Rosto oval da cabocla, abre a caçoula,  
E a via-lactea accende em candelabro !

## Outomno

O outomno ! Abril fugindo e Maio perto,  
Engrinaldado de helianthos de ouro ;  
Esmeraldas no chão, feral thesouro  
Em luxuria de pampanos aberto !

De azas rufas e quentes e olho esperto  
Andam aves nas frondes, em namoro ;  
Longe, sob um sol claro e agreste côro,  
De flôr e fructos meu pomar coberto !...

Condessa ! é tempo de habitar a matta :  
Si o dia esplende, a noite, em represalia,  
Abre nos ares o estendal de prata ;

Toma as luvas e a umbrella ; eia, formosa !  
O chapéo largo de palhão da Italia,  
E o vestido de chita côr de rosa...

## De viagem

Iamos ambos, joviaes e amigos,  
Pelo caminho fóra conversando  
Cousas alegres ; iamos lembrando  
Uns episodios intimos e antigos.

Longe de nós os lobregos perigos  
Que o imprevisto não diz como nem quando,  
Pois surgia ao levante um clarão brando :  
Passaros, bosques e ruraes abrigos

Pouco a pouco saham do lethargo  
Pelas margens da estrada ; a trote largo  
Iam batendo os árdegos cavallos...

Incendiava-se a manhã tranquilla !  
Mas quando entrámos, lépidos, na villa  
Ainda ouvia-se o cantar dos gallos...

## Real sênhora

Mirante alegre e rustico do paço,  
Rasgado ao poente de lilaz ; deserta  
Varanda em flôr, garridamente aberta  
Para o marmore branco de um terraço.

De um bizarro mancebo pelo braço  
Surge, toda de branco e a hora certa,  
Formosa dama, que, a tremer, concerta  
As chrysanthemas de oiro do regaço...

Dizem ser elle o pagem da rainha ;  
E a dama, calam... Mas é crença minha  
Ser ella propria em seus reaes folguedos ;

Tanto que o servo empoadado e preferido  
Traz, com graça e donaire, hispido, erguido,  
De azas abertas, o falcão nos dedos...

## Olhos de sphynge

Todo o travo da culpa e toda a magua,  
Que te allucina e dêsalenta o peito,  
N'uma espiral de sonhos vão direito  
Aos teus olhos felinos, cheios d'agua.

Estes scismam á sombra de um paragua  
Só de amethystas e saudades feito ;  
Lyrios desertos que só têm por leito  
Asperezas nostalgicas de fragoa !

Dous violinos lethaes de corda frouxa  
Plangendo n'essas mysteriosas casas,  
Ou, no smorzando de uma tarde roxa,

De um marnél de nymphéas e aguas pretas,  
Abrindo lentas, solitarias azas,  
Duas sinistras e amplas borboletas !...

## De phaeton

Chapéu ramalhetado em trêvo e jalde,  
Vestido simples e madrigalesco,  
Gosa do ar fino, antes que a luz escale,  
Loira fidalga de perfil tudesco.

Constante aguardo que, scindindo o fresco,  
Da galhardia a flammula desfralde  
Seu phaeton leve, claro e principesco,  
Pelas ruas floridas do arrabalde.

Curiosa gente a espera da passagem  
(Batendo o asfalto as patas do normando)  
Da encantadora e rapida carruagem,

Concha de vime que, entre beijos, roda  
N'uma alleluia aurorial, levando  
Essa gloriosa perola da Moda !

## Primaveril

Vieram contigo, flôr de primavera,  
Na brilhante explosão de aureas phalenas  
E andorinhas gazis, abrindo as pennas,  
O sonho azul, a fúlgida çimera...

Entre os verdes lauréis de ramos de hera,  
Myrthos floridos e humidias verbenas,  
Rindo, talvez, ás doces cantilenas,  
Abrem-se os ninhos, meigamente, a espera

Da aza primeira e do primeiro beijo...  
E este aroma de rosas, este harpejo,  
O sonho azul, a fúlgida chimera,

Ferindo a luz do amor, a luz querida,  
Que est'alma aquece e me illumina a vida,  
Vieram contigo, flôr de primavera!

## Alleluia, alleluia!

Freme em harpas a luz, o ether floresce,  
Alleluias no espaço, oiro e o perfume,  
Que eu sinto ás vezes, morto de ciume,  
Quando a estrella dos Alpes apparece.

Auras do luxo agora chegam, e esse  
Fluido de graça que ella em si resume;  
O alvo poema da carne vem a lume.  
Em prefacios de gloria e de kermesse.

Qualquer cousa de extranho no ar da rua  
Em que rútila e módula fluctua  
A aza do sonho, creadora e aberta...

Fanfarras da arte, aguias do estylo, em bando,  
E o clarim da belleza, alto, vibrando...  
— Poetas, em fila! Madrigaes, alerta!

## Magnifica

Lactea, da lactescencia das opalas,  
Alta, radiosa, senhoril e guapa,  
Das linhas firmes do seu vulto escapa  
O aroma aristocratico das salas.

Flautas, violinos, harpas de oiro, em alas!  
Labaredas do olhar, batei-lhe em chapa!  
— Venus, que surge, roto o céu da capa,  
N'um delirio de sons, luzes e galas!

Simples cousa é mistér, simples e pouca,  
Para trazer a estrella enamorada  
De homens e deuses a cabeça louca :

Quinze jardas de seda bem talhada,  
Uma rosa ao decote, arias na bocca,  
E ella arrebatá o sol de uma embaixada!

## Italiano

A' sahida do club, o conde, um dia,  
No tom cavo das maguas e revezes,  
Concluindo a palestra, me dizia :  
Nunca, amigo, por ella te embellezes ;

Hão de amargar-te eternamente as fezes  
Da taça loira, appetitosa e fria,  
Que tè offereça, e a tentação desprezes  
Do seu fino licor de Malvazia ;

Filtros damnados, toxicos perversos  
Andam, trahindo o imperio da vontade,  
De parceria n'esse vinho immersos...

Tempos depois eu soube, não sei onde,  
Que essa flôr da luxuria e da vaidade  
Tinha, uma noite, envenenado o conde.

## Parasol

Um « bijou » de marfim, trama escoceza  
E riquissimas rendas trabalhadas  
Pelas mãos brancas, finas, delicadas,  
De uma reclusa e paciente ingleza.

Pallio branco da graça e da belleza,  
O parasol de nêsgas esticadas ;  
— Bella tulipa das manhãs doiradas,  
Tral-o sempre umbrellado, a baroneza.

No pedaço de dente de elephante  
Cinzeladuras de chinez galante,  
Cousas bizarras que elle, opiado, sonha :

N'agua — das nymphas o alarmado feixe,  
E uma, a mais bella, nua, como um peixe,  
Trespasada no bico da cegonha!

## Lgrimas

### I

Rosa na trança escura, rosa ainda  
Nas faces, de uma lyrical pureza,  
Ia, estrellas na bocca, enchendo a mesa  
Com a sua essencia pittoresca e linda.

Olhos — taças de vinho, a minha vinda  
Brindando! A illuminar toda a largueza  
Da varanda, hoje immersa na tristeza...  
Talvez não! Talvez de uma graça infinda

Seja a su'alma, em sonho se desdobre,  
Demasco enchendo, a rir, que a mesa cobre,  
Com a flôr do estylo, em delicados mólhos...

Scenas, talvez idyllios na janella,  
E o beijo a esvoaçar por cima d'ella...  
Vão-me cahindo as lagrimas dos olhos!

## II

A embaciar-me os dias e as estrellas  
Cedo volveste, lagrima afflictiva;  
Que ao ter-te agora ás palpebras captiva,  
Claras e firmes não mais pude vel-as.

No mar cavo e pungente das procellas,  
Que de ti, gotta tremula, deriva,  
— Vulto sombrio de aza fugitiva,  
O sonho atufa as desfraldadas velas...

Ais de agonia, gritos de desgraça,  
Um côro torvo e tormentoso passa  
Entre o abysmo da terra e os céos nublados;

Tudo reveste uma expressão de magua  
Atravez d'este futil pingo d'agua  
Que não me deixa os olhos socegados!

## Duello excentrico

Perto, o castello. Alva manhã de Junho.  
Na arena, sob' entrelaçadas ramas,  
Acham-se as duas ciumentas damas,  
Aprumadas e loiras, de arma em punho.

Tem toda a scena da lascívia o cunho:  
Espartilhos no chão, bordadas tramas  
De camisa escorrendo-lhes das mamas,  
De bicos roseos e á feição do abrunho.

Chocam-se os ferros. Um tinido de aço,  
Um tremor de paixão em cada braço...  
De um seio de hostia purpuro filete

Esguicha! Bamboleia uma cabeça...  
E, recuando, a intrepida condessa  
Leva um rubí na ponta do florete!

## Shak-hand

Fluindo o aroma subtil de violeta,  
E' de minha bizarra fidalguia  
Que esta paixão, doirada de alegria,  
Nem te dê maguas nem te comprometta.

Era quebrar a linha da etiqueta,  
Em plena rua, pleno meio-dia,  
Beijar-te a mão, que, açucenal, gemia  
Encarcerada n'uma luva preta.

Desnecessario fôra enleio tanto ;  
E sentirias, tremula de espanto,  
A intensa vida d'esta historia louca,

Si á luz aurea do sol, que do alto vinha,  
Quando pousaste a tua mão na minha  
Os meus dedos febrís tivessem bocca !

## Soberana

A' frente — dous clarins alviçareiros,  
O aroma e a luz, e, logo, o arauto e o pagem  
Annunciam-lhe a gloria da passagem  
N'um triumphal tropél de cavalleiros.

Guarda de honra de minimos guerreiros,  
Flécha e carcaz luzindo, aza e roupagem  
Flabellando nos flancos da equipagem,  
Ladeado o palafrém de aureos archeiros ;

Dragões de oiro, leões de juba oureada  
E cauda erguida, ao sol embandeirada,  
Entre o esplendor das lanças e das settas ;

E atraz, o ovante séquito fechando,  
A lyra ao braço, um raio á mão, psalmeando,  
A engrinaldada legião de poetas.

## Rouxinolando

Ainda um pé no degrão, outro ao tapete,  
No planalto da larga escadaria,  
Mãos na minha, eu já a sua voz ouvia  
Retinindo por todo o palacete,

Como os crystaes chocados de um banquete...  
O que se déra, tudo o que sábia,  
O rosario de perolas do dia  
Alli desfiava o tremulo diabrete.

Pé no degrão, eu contemplava o encanto  
(Ao intenso clarão do lustre acceso)  
Do seu labio gazil sonoro e parlo...

E mais tripava aquella voz, emquanto  
Eu sonhava que tinha aos dedos preso  
Um fino rouxinól de Monte Carlo!

## Amor de perdição

Não me conte que choras, não me diga  
A tua bocca tremula e rosada,  
Que te deixou perdida e desgraçada  
A funesta paixão, que a ti me liga.

Vamos : vê que te estendo mão amiga  
Nos dolorosos cardos da jornada ;  
Que, si eu te vejo em lagrimas banhada,  
Tambem de angustias a chorar me obriga

O ermo fio de perolas que desce,  
N'uma tremura e contricção de prece,  
Por tua face triste e esmaecida ;

Longe esse pranto de ideaes pezares,  
Para, convulsa e pallida, chorares  
Quando em teus braços me fugir a vida !

## Dezembro

As andorinhas immigraram, vindo  
Em giro curvo, lépido e sereno,  
Do alto da serra para o campo ameno,  
A's primeiras fanfarras do mez lindo.

Sob a copa das arvores, abrindo  
A flôr e o ninho ao colibri pequeno,  
Entre olores balsamicos de feno  
Passa o farrancho de crianças, rindo

Na ociosidade trépida das férias ;  
E apontam já, no effluvio dos luares,  
Véos fluctuantes e «toilettes» sérias

De pessoas da côrte, e cavalgada  
Da fidalguia banza, que anda aos ares  
E vem sulcando os areiaes da estrada...

## Excelsior

De todas, esta é a mais formosa dama  
E o mais fidalgo e niveo dos decotes,  
Desabrochando em perolas... Myosotis  
Espumilhados em triumphal derrama...

A graça irrompe; o olhar de estrella inflamma  
Esculpturaes e femininos dotes ;  
Soberano esplendor dos camarotes  
Nas primeiras da opera e do drama !

Alma do prado ; em seda flava e renda  
Jalde sumptuosa, tremula, estupenda,  
Na corbelha do phaeton clara e aberta ;

Sol das varandas, palpitante opala  
Das embaixadas, em «soirées» de gala,  
De um manto de oiro e madrigaes coberta !

## Maio

Maio, que é todo azul e é todo claro,  
Contemplativo, virginal, tranquillo ;  
Céos, que me lembram, quanto mais reparo,  
O mysticismo suave de Murillo ;

Que é o encanto da vida, tudo aquillo  
Seren e manso que deporta o enfaro ;  
Papeios de ave procurando asylo,  
Terra enflorada, ninhos em preparo ;

Mez de Maria rebentando em flores,  
Plumas e borboletas multicores,  
Noites, manhãs e tardes vaporosas,

Sempre infiltradas da sonoridade  
Do ermo e brando violino da saudadè,  
Maio te alastre o camarim de rosas !

## Amorphophalla

Nenuphar venenoso, ermo e visguento,  
Aberto em concha ao turbilhão iriado  
Dos insectos, que voam no ar parado  
De um tenebroso lago pestilento ;

Flôr dominando um pantano folhento  
De algas, musgos e lôdo fermentado ;  
Flôr, que tem na impureza escancarado  
O seio branco para o firmamento ;

Cheia do pollen rescendente e activo,  
Tão á phalena e ao colibri nocivo,  
E que é das vespas causa de outros males.

Pois que ao lothus amargo te assemelhas,  
Eu terei de morrer, como as abelhas,  
Intoxicado dentro de teu calix.

## Sir

Scandinavo e já senhor, tão breve,  
De zagaes e zagalas de um condado:  
Olhos de lyrio, um typo loiro e ousado,  
Sobre o labio sanguineo um buço leve.

Ao seu solar nenhum pastor se atreve  
Subir, para attestar-lhe o celebrado  
Culto da arte, do luxo e do Passado...  
Dorme o rudo castello sob a neve!

Com brilho e graça e prodigos recursos,  
Em caçadas boreaes de rhennas e ursos,  
Faz honra á extirpe o principe Rodolpho :

Para leval-o não se sabe aonde,  
Tem, de flammula solta e armas de conde,  
Um yacht boiando sobre o golfo.

## Azas humidas

Melhor, muito melhor, anjo, te fôra  
Não roçares, brincando, as leves plumas  
Das tuas azas, brancas como espumas,  
Pela minha cabeça peccadora...

Não ha em mim a seda protectora  
Das rosas frescas, onde os pés perfumas,  
Nem a macia flacidez das brumas  
Em que poreja uma alvorada loura.

Arfa teu seio na delicia extrema,  
Como o peito selvagem de Iraceina  
N'aquelle sonho olympico da rede ;

Vieste rompendo castas madrugadas,  
Que ainda tens as pennas salpicadas  
De crystallino orvalho, e eu tenho sede !...

## Bacchante

Não pode a fronte, que uma vide enrama,  
Aureolar-se de madida tristeza ;  
Que a alegria dos pampanos, marquezza,  
Por tua bocca e por teus olhos clama.

Feição, que é o linho, n'uma alcóva accesa,  
Com duas taças — para o amor e a fama,  
D'onde um mosto de treva se derrama,  
E um cacho rubro dando graça á mesa...

Das tuas sedas e dos teus cabellos  
Sobe o vapor dos vinhos, em novellos,  
Como escaldando em amphora faceta ;

Olhos embebedantes e risonhos,  
Que, até nadando em lagrimas, supponho-os  
Dous orvalhados bagos de uva preta.

## Dia de seus annos

Resplende o sol em pleno céo bordado  
De floccos niveos, leves, transparentes,  
E azas, que voam da montanha rentes,  
De alvas pombas em bando alvoroçado.

Dia alegre de um mez abençoado,  
Mez da cigarra e flamboyants sanguentes ;  
Cantos de ave é perfumes différentes,  
Lyrio aqui, ninho alli dependurado.

Creaturas risonhas, muita calma  
Dentro da çasa rustica e florida  
Em que me esperas, noiva de minh'alma ;

Mais uma benção sobre ti cahida,  
Um anno, um riso, um beijo, uma outra palma,  
Mais uma pomba no rosal da vida !

## A condessa

### I

Eil-a defronte á lamina espelhenta  
De aureas molduras florejadas e onde  
Toda a riqueza do salão do conde  
Pontilhada de luzes se apresenta.

A tanto luxo ousado corresponde  
Essa que surge, ao proprio corpo attenta,  
Bella e soberba ! E, como um astro, augmenta  
Toda a riqueza do salão do conde !

Dá ao cabello e ao talhe do corpete  
O ultimo toque ; um ultimo alfinete  
Franze a cauda real da saia turca ;

Põe quasi aos hombros um bouquet vermelho ;  
E, prompta já, de costas para o espelho,  
Vai ensaiando um passo de mazurka...

## II

Frisando o luxo do palacio em peso,  
A tilintante e esplendorosa fila  
De altos lustres ártísticos fuzila  
Pelas facetas do crystal acceso.

Desce um fluido de olympico desprezo  
De cada olhar, de cada irial pupilla,  
Que, scintillando férvida, aniquila  
Mais de um fidalgo almiscarado e teso.

Ha, porém, certo refranger de luzes,  
Promiscuo brilho de olhos e gran-cruzes,  
De quentes raios fulgurante chuva,

Quando, em auras de aroma conhecido,  
Alva e radiosa, ao braço do marido  
Entra a condessa, abotoando a luva !

## III

Morria o som da ultima habanera  
Saudoso e lento no metal da orchestra,  
Quando esse arrojô da belleza, mestra  
Dos floreios do baile, o carro espera.

D'aquella bocca salta a primavera  
Bafejando-lhe o termo da palestra...  
E já, sorrindo e meneando a dextra,  
A mesura symbolica fizera.

Acompanhando-a como que suspira  
A ronda alerta dos olhares... Sente  
Tão fria a noite ! E o çonde, sem detel-a,

N'aquelles hombros pallidos atira  
A seda azul da capa rescendente,  
— Um pedaço de eéo sobre uma estrella !

## IV

Transpondo a alcova conjugal, ornada  
Da radiosa tulipa de uma placa,  
Sobre o marmore verde collocada  
De um lindo movel de páo-rosa e lacca,

Em frente á esposa languida, atirada  
N'uma larga poltrona, o conde estaca  
— Braços cruzando, a fronte annuviada,  
Erecto e firme dentro da casaca...

Censurava-lhe a côrte dos rapazes :  
Certo que todo o baile notaria  
Tão jovial, mas frivola cabeça...

E, alarmando-se um cheiro de lilazes,  
Par sereno de lagrimas cahia  
No amargurado rosto da condessa !

# HELIANTHOS

A LUIZ GONZAGA DUQU'ESTRADA





## Concertante

Trajo de baile ; embriagadora cauda ;  
Pulchro e niveo decote, amplo e deserto  
De joia ou flôr, em frente ao piano aberto  
Percorre a partitura lauda a lauda.

Senhorial e deslumbrante, offusca  
O salão cheio da mais fina gente...  
Eis que vibra o teclado, de repente,  
Como um trinado, n'uma escala brusca.

Preludiava. Um fremito indeciso,  
Na linha rosea das senhoras passa :  
Não ha quem tenha assim tão nobre graça,  
Quem mais élève e humilhe n'um sorriso.

A regios golpes de aguia, a inveja e a inopia  
O seu contralto limpido supplanta,  
Ao sahirem-lhe as notas da garganta,  
Como estrellas de uma aurea cornucopia.

Um quê de ethereo, que se não define  
Imprime ás vozes do rimance lindo ;  
Vai na espiral da musica subindo  
A alma branca e dolente de Bellini.

Dá doçura ao mais doce dos maestros,  
Traduzindo-lhe as maguas e as chimeras ;  
Cantam, soluçam duas primaveras,  
Uma na bocca outra em seus dedos dextros!

Benções maternas, quando o filho parte  
Ou para a vida ou para a cova ; tudo  
Deslisa sobre um flacido velludo,  
N'uma vibrante contextura de arte.

Livres, emfim, das mundanaes lisonjas,  
No claustro, á morta luz do alampadario,  
Osculando Jesus no breviario  
Monges de cêra e amarguradas monjas.

Ermidas brancas, cathedraes em festa,  
Brocado de aras e ogivaes damascos :  
Sol coroadando palmas e penhascos  
E, em lança, abrindo o seio da floresta,

De cuja entranha partem brumas e azas,  
Vivas palhetas, e um gorgeio de oiro ;  
Pombas cortando a luz de um dia loiro,  
Sobre uma aldeia branquejando em casas.

Noivas entrando as enfeitadas portas,  
De braço aos noivos, satisfeitas quasi...  
E, na nuvem subtil dos véos de gaze,  
A prónuba ascensão das noivas mortas.

Angelus de azul pallido, hora viuva  
Nos lilazes do occaso amortalhada ;  
Tristes meditações de amado e amada,  
Quando á vidraça tamborila a chuva.

Rosas de Maio, mysticos mistéres,  
Fontes chorosas e ermas borboletas ;  
Rescendencia de pallidas violetas  
Sobre o collo moreno das mulheres.

Ventos bravios ; garrã crispa de ondas  
Na harpa sinistra e rota dos cordames  
Embala a náó, a flôr de dous estames ;  
E, após, risadas e a canção nas mondas.

Ruth cantando alegre nas seáras,  
Corçada de lúridas espigas :  
Festa de moços e de raparigas  
Sob o véo outomnal das manhãs, claras.

A infancia rindo e a viuvez chorando !  
Trompas, marchas de guerra e a propria guerra,  
Tudo na nuvem de harmonias erra  
Em frouxo, em brumo, em mal distincto bando.

Vãos de walsa nos salões do fausto...  
Esta afogueada, como flôr purpurea,  
E vai outra embalada na luxuria,  
Segura ao coração do par exausto.

Tudo me diz a languida sonata,  
E tudo exprime, e tudo idealisa ;  
Mas só me falla, nitida e concisa,  
D'essa extranha mulher, que me arrebatá !

---

O piano, mudo. Alta impressão nas almas ;  
E outra vez ella dominando a sala,  
De pé, sorrindo a maviosa opala,  
N'um temporal de bravos e de palmas !



## Pagina de carta

Minha pallida senhora :  
Hoje, estremunhado e insomne,  
Quando do albor do cretone  
Puz a cabeça de fóra,

Para entregar-me ao martyrio  
De te escrever esta carta,  
Eu me suppuz a lagarta  
Que sai de dentro de um lyrio.

Doce tortura, comtudo :  
A de um romano caloiro  
Dando pamponilha de oiro  
Sobre os lavoires do escudo,

Que ha de florear no torneio  
De um circo cheio de aroma,  
Em cuja bancada assoma  
A dama do nosso enleio ;

Lançando o olhar de ciúme  
Para um luctador da praça ;  
E traz o cabelo em massa,  
Todo lavado em perfume !

Pois eu bem sei que estas linhas  
Vão te passar pela mente,  
Como n'um vermelho poente  
Um pelotão de andorinhãs

Que de alva prata faceta  
O verde-mar, aos salpicos,  
Com o fino cinzel dos bicos  
E a ponta d'aza, em lanceta ;

Rabiscando á flôr das ondas  
Leve, tão leve, que eu mesmo,  
Bordando esta carta a esmo,  
Nem quero que m'a respondas !

Quero, entretanto, que a leias,  
Para que aspire com ancia  
A capitosa fragrancia  
De que as palavras vão cheias ;

Pois eu repassei tudo isto  
Do oleo, não mais hoje em voga,  
Que a rosa da synagoga  
Punha ás melenas de Christo...

E — oh! loira de Lachapelle!  
Devia este meu bosquejo  
Ser traçado, beijo a beijo,  
No setim de tua pelle,

Deixando um sulco violaceo  
Pelo teu corpo alvo e lindo,  
— Roxa epoméa subindo  
Columnatas de um palacio,

A equilibrar sem esforço  
D'arte bellezas eternas:  
A pompa de duas pernas  
Sostendo a gloria de um torso.

Que eu fuja da phrase tosca  
E só procure a riqueza  
Da filigrana chinesa,  
Rendilhada em prata fosca,

Com que dou vida a esta folha  
De papel, como a paisagem,  
Em microscopica imagem  
Dá côr e vida a uma bolha,

Deves achar cousa estranha !  
E ficas, tremula vespa,  
Corpo doirado e aza crespada,  
Segura á teia de aranha.

Mas vendo n'um rubro cinto  
O sol, que, emfim, tudo pode,  
Sacode as azas, sacode,  
E larga do labyrintho !



## Insolencia da carne

Da escura dôr que esta paixão conquista  
Uma alegria audaz salta e gargalha,  
Tal como um Mephistophelis farcista  
Rompendo, rindo, a renda da mortalha.

Todo o perigo deste amor affronto!  
Que a tua carne lubrica embêbeda  
E me faz dar, divinamente tonto,  
Em teu regaço deliciosa queda.

Que tem um erro, flôr? Aos mais qu'importa  
Que eu do vinho dos beijos me soccorra,  
Desde que para a luz se me abre a porta  
N'esta, de maguas, infernal masmorra?!

Dizendo irei a todos, na aurea trompa  
Do verso, o mal que no meu seio medra;  
Limpo, quem seja, me condemne e rompa  
A hostilidade com a primeira pedra.

Mais vinho ! Mais a essencia capitosa  
De teu cabello e de teu collo ; é pouca  
A que me vem da tua face em rosa...  
Põe tua bocca sobre a minha bocca !

Já não tem a razão leis que me imponha ;  
Puros e justos nada têm que eu peque ;  
E si alguém rir quizer d'esta vergonha,  
Esconde o rosto na aza de teu leque.

O ebano quente, a perfumosa treva  
Da cabelleira olympica desnastra,  
E sobre a impudicicia — oh ! filha de Eva !  
Da minha doida embriaguez alastra...

De teu olhar o fluido me electrize  
Em tão paradisiaco regalo ;  
E n'essa extrema e voluptuosa crise  
Salte o teu seio para eu só beijal-o.

Do peccado e do crime a apothese  
Com toda pompa o nosso amor célebre ;  
Tem cheiro, este excitante, em alta dose  
Que me desvaire e me allucine a febre.

Corpo cheiroso, oh ! delicado aroma  
De mulher nova muito amada e forte,  
Dá-me a luxuria dos festins de Roma  
E, entre as nevoas do sonho, o goso e a morte!

Nem vejo mais ! Tudo ante mim vacilla...  
Só vejo a taça em que a loucura sorvo...  
Já tua trança desatada oscilla  
N'um reverbero azul de aza de corvo...

Mais eu me río, mais me aqueço e estorço,  
Quanto mais o teu vinho me embriaga ;  
Sobe-me um calefrio pelo dorso,  
E todo o spasma do prazer me alaga!...

Venha depois a farejante hyêna  
Do odio implacavel me seguindo os passos,  
Que ha de me achar, oh ! doce Magdalena !  
Crucificado e flébil nos teus braços !





## A' uma infeliz

Minha franzina e pallida senhora :  
Tens no inclinado e rórido semblante  
A expressão desolada e soffredora  
Do quasi morto lyrio do Levante.

Tu, que vieste da melancholia  
— Religioso e doce mysticismo!  
Do alvo e cheiroso seio de Maria,  
Desces a rampa festival do ~~abysmo~~.

N'esse declive perfido da vida,  
Claro, alegre, mendaz e todo em ascua,  
Não volta nunca o balsamo á ferida,  
Não volta mais ao coração a paschoa !

A avé, que o peito inflado dilacera,  
Garganteando nos beirões da estrada,  
Não canta o sol nem salva a primavera :  
Vive chorando a aza materna e amada !

Si tu'alma geme, lacerada e afflicta,  
Nas inclementes garras do desgosto,  
Déixa em silencio a lagrima bemdita  
Banhar-te a extrema pallidez do rosto ;

Que ha de arrancar-te, alfim, d'essa tristeza,  
N'um aromado nimbo de saudade,  
Para as alturas mansas da pureza  
O claro beijo da maternidade !



## Fidalga

Fosse o meu verso um escopro,  
Fosse um buril esta penna,  
E emergeria, serena,  
Como animada de um sopro,

Essa, que a alvura propala,  
Tomando Venus por norma,  
Ter o conjuncto da forma  
Todo lavrado em opala!

Essa por quem eu padeço,  
Essa por quem déra tudo  
Para tocar o velludo  
Dos seus vestidos de preço.

Senhora por quem eu morro,  
Vendo-lhe a pluma de garça,  
Como um punhal que disfarça  
Vir espetado no gorro.

Rainha e dona suprema  
De todas as flores, todas!  
Que ha de ter caricias doudas  
E delicadeza extrema

Pará os fños heliotropos,  
Lyrios, jasmíns, malvaíscos,  
Tombando em vasos mouríscos,  
Murchando n'agua dos copos.

Mesmo para o sêu canario  
Côr das jaldes de Friburgo,  
Roubado a um «feld» em Hamburgo,  
Trazido por um corsario,

Que (a indiscrição não me intrigue)  
Era um rapaz de Corintho,  
Pistola e punhal no cinto,  
Dono de um cão e de um brigue.

Com as pombas, com qualquer cousa  
Que tenha vestigios de arte,  
Toda a su'alma reparte,  
Dá-lhes cuidado de esposa.

Tenho-lhe amor tão intenso,  
Que já do verso extravasa:  
Foi a luz dentro de casa,  
Foi um perfume no lenço!

Paixão, que outra força doma,  
Mas que se a vê toda crespa  
Como, raiyosa, uma vespa  
Por dentro de uma redoma.

E' o meu poema de queixas  
Essa rival das Ophelias ;  
Alva, da côr das camelias,  
Loira, da côr das ameixas !

Primor, que em versos arranjo,  
Ella o 'possue, como escravo :  
Tem toda a pompa de um cravo  
E o mysticismo de um anjo,

Essa orchidea dos caprichos,  
Que em seu roseo gabinete  
Afoga os pés n'um tapete  
Feito de paina de bichos.

E algumas boccas dão curso  
A' novidade seguinte :  
Tem no chão, como um requinte,  
Rara e branca pelle de urso,

Que a lingua apresenta, á gorja  
E a bocca de ares sanhudos,  
Aberta em dentes agudos,  
Rubras, lembrando uma forja ;

Cabeça de pello hirsuto,  
Olho vidrado, de féra ;  
Garras de tigre e panthera,  
Toda a fereza de um bruto,

Deitado ao lado da mesa  
Onde ella invoca as imagens,  
— Bello xarão de ramagens,  
Trabalho d'arte chinesa.

Nem sei como eu me aproximo,  
Por certo prisma risonho,  
D'essa mulher, que é um sonho,  
D'essa mulher, que é um mimo ;

Que no trajo preto leva  
Toda uma luz espontanea,  
Como o diamante de Urania  
No estofo negro da treva.

Que essa titular esbelta,  
Essa franzina fidalga  
Tem a elegancia da galga  
E todo o aprumo de um céltá.

Traz um perfume, que alarma  
Todo o logar onde passa :  
Como as duquezas de raça,  
Como as violetas de Parma ;

Belleza cheia de audacia,  
Dona do encanto das Musas,  
Como a flôr das andaluzas  
E' dona, emfim, de «la gracia»!

Mas d'este amor todo o fausto,  
O luxo, o ruido que encerra,  
E' como o esplendor da guerra,  
A festa de um holocausto.

Fosse o meu verso um escopro,  
Fosse um buril esta penna,  
E emergeria, serena;  
Como animada de um sopro,

Essa, que a alvura propala,  
Tomando Venus por norma,  
Ter o conjuncto da forma  
Todo lavrado em opala!





# STELLARIO

A OSCAR ROSAS





I

Como, indolente e a custo,  
Fantasiando o extravagante kiosque  
Todo de seda e de marfim vetusto,  
Onde a hera se enrosque,

Gasta o seu tempo o japonéz malandro,  
Assim, minha querida,  
Eu vou dispondo um trabalhoso meandro,  
Um doirado arabesco,  
Pelos beirões da tua alegre vida,  
— Lago atufado de astros e nymphéas...

E farei do reducto pittoresco  
O stellario da rima e das idéas.

## II

Quando eu te vejo, flôr, vem-me á cabeça  
Uma linda pastora arcadiana,  
Feita de porcellana,  
Que eu já vi no «boudoir» de uma condessa.

Olhos travessos e maçãs salientes,  
Si te mostras sorrindo ;  
São teus labios, arqueados sobre os dentes,  
Como dous gommos de laranja-cravo.  
Cantando o verso lindo,  
Que eu n'esta 'avena tremula acompanho,

Acompanha-te, escravo,  
Dos ideaes o fúlgido rebanho.

## III

Olha este mar de rosas  
Da mocidade, filha, como é lindo!  
A fantasia, de azas milagrosas,  
Vai cantando e fugindo

Sobre a larga planura ; e como brilha  
Esté luar extranho,  
Como um véo escumilha,  
Perfumado nõ sandalo de um banho !...  
Vamos seguir a fantasia alada,  
Que rômpe o canto e o páramo brilhante,

Oh! peregrina amante,  
Do meu amor na gondola doirada !

## IV

Amorosa e tafula

Pomba da matta, eburnea e delicada;  
Que, aos primeiros incendios d'alvorada,  
Salta do ninho, e pula

De bromelia em bromelia, galho a galho,  
Pipilante e modesta,  
Entre o rumor e a garganteada festa  
Dos tenores, com perolas de orvalho  
Sobre o matiz das plumas,  
Que andam ruflando pelo bosque, atôa...

Rompe o segredo e as brumas,  
Abre as azas na luz, e canta, e vôa !...

## V

Compõe a trança e vamos,  
De braço dado, pela vida afóra :  
Tudo palpita agora,  
Ninhos e flores, passaros e ramos,

N'esta manhã de amor ; azas e albores  
Vão matizando o espaço ;  
De manso cahirão no teu regaço  
Perolas d'agua, um temporal de flores !  
Vamos vagar na perfumada plaga,  
Oh ! flôr das Julietas,

Como, entre lyrios e amaranthos, vaga  
Um par de borboletas.

## VI

Não te desperta a musica longiqua  
Da minha lyra, em trovadora festa,  
Nem as zarzuelas d'esta  
Luz rufante, aurorial, que se apropinqua.

Hoje, de tudo zombas,  
Lyrio aljofrado e estivo.;  
Vão só de affecto immaculadas pombas  
Em teus sonhos roçar, de quando em quando.  
Que do teu seio alvissimo rebente  
O amor, gloriosamente,

N'um turbilhão festivo  
De anjos sorrindo e passaros trinando!

## VII

Deixa meus olhos pretos,  
Buliçosa menina de olhos pardos,  
Réos de mil crimes, idolo dos bardos,  
Em nicho de sonetos.

E são lindos porque? E nada dizes,  
Toda cheia de rubido vexame;  
Bem percebo: felizes  
Espelhos d'alma, pois ha quem os ame  
Com infantil recato,  
Pelo galante e singular motivo:

Reproduzem, ao vivo,  
Microscopico e lindo o teu retrato.

## VIII

Vês tu, pallida moça,  
Leve, pequeno, rustico, macio,  
Aquelle ninho em flôr que se balouça  
Sobre a esteira do rio?

E', minha vida, o thalamo propicio  
De avarento casal de aves pequenas,  
Feito de musgo e pennas  
N'um affectivo e mutuo sacrificio :  
De lindos beija-flores  
O delicado e morno domicilio...

Tenho eu, para aminhar-te, ave de amores,  
A rosa de um idyllio.

## IX

Vejo-te ; e sempre n'esse labio — rubro  
E appetitoso pomo,  
Pousa inquieto o sorriso, alegre como  
Doirado insecto n'uma flôr de Outubro.

Ha sol e aroma em teu vergel de amores,  
Papeios de aves, fremitos de beijos...  
O meu? Tristonho e frio como os brejos,  
Com invernadas sem luz, hastes sem flores,  
Ninhos desmantelados  
E azas mortas boiando n'um riacho...

Frios, inanimados,  
Lá vão meus sonhos, desengano abaixo !...

## X

Pensei partir sósinho,  
Como um bohemio feliz, desconhecido,  
Sem dar ao menos, triste e commovido,  
Um ai ! pelo caminho.

E partiria alegre, si assim fosse !  
— O coração deserto,  
Mas o labio entreaberto  
N'um sorriso pueril, festivo e doce,  
Tendo a vista embebida  
Na encantadora e flórida paisagem...

Mas levo o olhar, o coração e a vida  
Cheios de tua imagem !...

## XI

Vem á janella: aos pares,  
Pelo tapiz da balsa,  
Como noivas e noivos n'uma walsa,  
As borboletas giram pelos ares,

Ao rythmo inspirado,  
Maravilhoso e peregrino mixto.  
De risos e habaneras,  
Que, tendo os alvos lyrios por scenario,  
Sólta alegre, dulcissimo, trinado,  
O flautim de um canario.

Tua cabeça é isto:  
Um bailado de aligeras chimeras !

## XII

Esta tristeza amarga,  
Esta saudade turbida e violenta,  
Que dentro em mim rebenta,  
Como flôr venenosa inculta e larga,

Toda a grandeza de minh'alma invade  
E infiltra-me na veia  
Do estro a plangente 'morbidez, que ha de  
Tornar-me a estrophe lacrimosa e feia.  
Como nuvem que lança  
Espessa nuvem de atra tempestade,

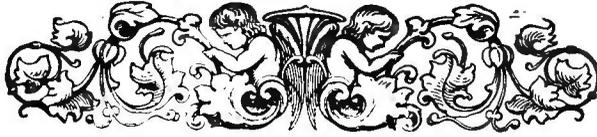
Pela minh'alma avança  
Esta violenta e turbida saudade !

# VARANDIM

AO MEU AMIGO

OROZIMBO MUNIZ BARRETO





## Délia

Esse ar, severo e torvo, de tragedia  
Bem não te fica ; e muito mais agrada  
A ficção vaporosa e illuminada  
De um olympico trecho de comedia :

Nua, a forma divina, a prumo e nedia,  
Dentro da madreperola raiada  
Em concha, á onda azul partindo, ousada,  
A um par de cysnes empunhando a redea ;

Pó doirado no espaço ; oiro espumante  
Nos teus cabellos, todo um flavo instante,  
Cheio de azas de rutilos insectos ;

Engrinaldada pelas rosas da arte  
Vem tu, cantando e rindo, debruçar-te  
N'esta estrellada curva de sonetos.

## A Cubana

Extranho aspecto o desta flôr ! Creoula  
De uma ilha talvez, patria ridente,  
Em que a luz queime e tenha, diariamente,  
O brilho secco de uma lantejoula.

Paiz claro, em que a alvissima caçoula  
Dos lyrios murche, quando o sol no oriente,  
E os plainos glaucos, aspera, ensanguente  
De rubras flores a vernal papoula.

O corpo unctuoso de lascivia hebraica,  
Esta mulher, cujo destino ignoro,  
Tem, que da fama os idolos derruba ;

E a mim, que a beijo, o vinho da Jamaica  
Dá-me do' labio e, para mim, que a adoro,  
Trouxe, nas carnes o verão de Cuba.

## Miss Alma

Formoso ser angelico, que deixas  
Na esfera azul o illuminado friso  
Do oiro fulvo e luzente das madeixas  
E a claridade mansa de um sorriso ;

Graça, feita de perola e granizo,  
Que as estrias do sol nas mãos enfeixas...  
E assim tu vais, alada flôr do Texas,  
Como um anjo escalando o paraiso.

Mysteriosa pomba, intrepida e alta,  
Dos minaretes, n'uma tarde em brazas,  
Que mais da gloria o resplendor exalta...

Larva assombrosa, aérea e multiforme,  
Na apothese brilhante de um par de azas,  
Deixando a seda de um casulo enorme !

## Grisette

D'aquelles céos e clima de Marselha  
Traz, na lisa epiderme assetinada,  
Ainda a alvura da neve pendurada  
Em stalactite nos beirões de telha.

E é toda um quê sympathico de ovelha  
Fresca, arminosa, eburnea, ensaboada...  
Tem o ar fresco e sadio de alvorada  
E um aspecto gentil de flôr vermelha.

Loira, tão loira como a deusa Céres !  
Entumece-lhe a carne um sangue farto  
De arraz de barco ou moço de falua ;

Escandalisa a todas as mulheres,  
Quando, pela manhã, deixando o quarto,  
Leva o canario da alegria á rua !

## Sangrina

Rubra ; rubro o vestuario e rubra a seda  
Da umbrella aberta, ao geito das caçoulas ;  
Com o cabelo alastrado de papoulas  
Rompe o casulo verde da alameda.

De Habana, e a malagueta das creoulas,  
— Sangue na guéira, espaventosa e treda,  
Todá granada e punch em labareda,  
Pondo na praça as creaturas tolas...

Como pandeiros, pende em cada orelha  
Um halo de oiro, na explosão vermelha  
De um perigoso e lubrico salero ;

E tanto mais provoca e escandalisa,  
Por se saber ter vindo, a que aqui pisa,  
Na sanguinaria sucia de um torero !

## Estella

Napolis ri-se e, bebedo, cascalha,  
— Guizos na roupa, buzinando um corno,  
Gondola a dentro, illuminada a «giorno»,  
Que de luzes de côr o golfo coalha —

No cosmoirama vívido e canalha  
Do seu olhar apaixonado e morno,  
Quando, á mesa do lunch, homens em torno,  
Ella sorri de uma lição bandalha.

Desafio insolente a toda prova  
Os seus dous seios, de lascivo traço,  
Apertados de mais em seda nova ;

E toda vibra quando se levanta  
D'aquelle meio bacchico e devasso :  
Como que o vinho nos seus labios canta!

## Sophia

Todo o ardor andaluz vibra e sacode  
Seu corpo loiro e pequenino de ave,  
Que rufle as azas e na luz se lave,  
Sobre a agulha doirada de um pagode;

Flôr peregrina d'onde a força explode,  
— Aguia nervosa espedaçando o entrave  
Do amor faceiro ou de prisão mais grave,  
Mas toda a força muscular de um bode!

Escorre-lhe de cima um sol doirado,  
Si do flavo cabelo o pente arranca,  
E é todo o corpo de Xerez lavado!...

O salero hespanhol nos olhos tranca,  
E ahi vem, de pandeiro enguizolado,  
A estudantina, ao luar de Salamanca!

## Diva

Vocifera a platéa, pintalgada  
De aloiradas cabeças de cocottes  
De papoula ao chapéo, e uma encarnada  
Rosa sangrando a espuma dos decotes.

Preparam-se as lunetas na cêrrada  
Linha anciosa e gentil dos camarotes,  
Predominando a mancha delicada  
Dos fidalgos bouquets de myosotis.

Chamam-te os partidarios irrequietos ;  
Pronunciam teu nome os indiscretos,  
De alma suspensa e coração de rastro..

Pisas o palco ; o publico endoudece,  
Tonto, na luz, como se alli tivesse  
O estilhaço flammivomo de um astro!

## Acrobata

Lantejoulada flôr ! Lantejoulados  
O dorso, o peito, o ventre e o velludilho  
Das bombachas de escamas e vidrilho,  
Ella me surge aos olhos deslumbrados.

Levando á bocca os dedos apinhados,  
Sólta as azas de um beijo, e um riso, filho  
Da canalhice, deixa ver o brilho  
De um rosario de dentes esmaltados.

Subindo á corda a luminosa argilla,  
Para um trabalho do ar, inda não visto,  
Ganha o apparelho n'uma piruêta ;

E quando, alto e na luz, o corpo oscilla,  
Penso, tremulo e pallido, que assisto  
A' apparição bizarra de um cometa.

## Gauleza

Forma divina em mármore lavrada,  
Tu, flôr da patria, que ao Rei Sol pertence ;  
E não ha quem te veja, que não pense  
No estellifero baile da embaixada.

E és rosa ainda ; rosa fluminense  
— Alva corôlla em purpura afogada ;  
Quero-te assim em pompas de alvorada,  
Embaixatriz do chic pariziense,

Calcando o « boulevard » às tres da tarde,  
Premida a carne, que em volupias arde,  
Na correcção finissima da cassa ;

Parasol japonéz que a altura excede  
Das mãosinhas gritando em « peau de Suède »,  
Toda aureolada no esplendor da graça !

## Écuyère

Surge; deslumbra a olympica amazona,  
Do amor, da graça no esplendente facho!  
Freme; e em palmas parece vir abaixo  
O claro, o alegre, o amplq funil de lona.

Empolga o circo; e, de improviso, é dona  
Do « high-life » acceso e todo o populacho...  
Ferve-me o sangue bravo de « muchacho »,  
Quando sobre o ginete ella abandona

Do corpo excelle o empurpurado lyrio;  
E não me arranca do infernal delirio  
A surpresa que, doudo, a todos causo...

E' que eu a vejo, no meu sonho de arte,  
Como um fraldejo rubro de estandarte  
Arrebatado no tropél do applauso !

## Olga

A carne em flôr, carne insolente e hereje,  
Afflicta ruge e, cupida, blasphema  
Contra o flagello, contra a odiosa algema  
Do elegante costume de « barège ».

Não ha mesmo ninguem que a não inveje,  
Quando ella traz, como sensual poema,  
N'uma arrogancia biblica e suprema,  
A carne em flôr, carne insolente e hereje ;

Transparecendo a luxuriosa « verve »  
Dó sangue experto e audaz, que explode e ferve  
No mais airoso involucro de femea,

Como um champagne effervescente e lindo  
De romãs e papoulas, colorindo  
Esguia taça de crystal da Bohemia.

## Carmen

Passa no grande tom, pisando o asfalto  
Do amplo « trottoir » cheio e surpreso ; e ha tanta  
Gloria, que o dia sonorisa, e canta  
A propria lage onde ella applica o salto

Do borzeguim francez, chic e pernalto,  
Calçando pé, que, de pequeno, espanta ;  
E erguendo, e abrindo o excelso olhar, quebranta  
A luz do sol espadanando do alto.

Mas ha um quê de sonhos importunos  
Na solidão dos seus dous olhos brunos,  
Que a dôr talvez de lagrimas borriفة...

E' a saudade, a lembrança inquieta e vaga  
De uma longinqua e pequenina plaga :  
A tristeza insular de Teneriffe!



# COMEDIA ELEGANTE

2

AO DR. FERREIRA DE ARAUJO





## Em plena fantasia

Aqui. Armemos a tenda,  
Em que ha de pousar a graça ;  
— Cinco ou seis nesgas de cassa,  
Toda beirada de renda.

Tudo claro e tudo breve,  
Quasi translucido e a esmo.  
Que o ninho pareça mesmo  
Um fino flocco de neve.

Cheire a jasmins, a violeta  
— O aroma exquisito e brando ;  
E ande-lhe em torno, flafando,  
A ronda de borboletas :

As mariposas do riso,  
As roseas vespas da «verve».  
Quando, enfim, o sangue ferve  
Loucura é ter-se juizo.

Pallio de sônhos, em summa,  
Que, sob a luz radiosa,  
Tenha o frescor de uma rosa,  
Todo um ar leve de pluma ;

D'onde, olhando por um rombo,  
Eu contemple a cada passo  
A gloria, que, no mormaço,  
Deixa a plumagem de um pombo.

De andorinhelas a frota,  
Azas e caudas em jogo ;  
E o sol, como aguia de fogo,  
Em região mais remota.

Azas ! Tão bello que é vel-as,  
Como um beijo aéreo e lindo,  
Subindo sempre, subindo  
O aureo redíl das estrellas !..

Aqui, de amor e fragrancia  
N'uma tenue e simples aura,  
Hão de vir Beatriz e Laura  
Sentar-se ao chá da elegancia.

Tudo se adore e se note :  
Uma quente flôr purpurea,  
Ou, transpirando a luxuria,  
O alvo esplendor de um decote.

E rubra, sobre a barraca,  
Grite uma flammula solta  
De liberdade e revolta,  
Como uma lingua polaca.

Abrindo as pennas por cima,  
No sangue da madrugada,  
Trine, faceta e doirada,  
A ave travessa da rima.

Deixo que enflorem-me a tenda  
Lauréis de acanthos e parra...  
— Cheia de sons de guitarra,  
— Toda beirada de renda !





## Tiro ás pombas

Vamos! Põe o sombrero na cabeça ;  
Vão commigo os canniços e a tarrafa,  
Duas claras fatias de anho frio  
E vinho, um vinho de ambar, na garrafa  
Para incitar a nossa gulodice.

Ao rio, pois, ao rio,  
Minha bella condessa,  
Para uma alegre e divertida pesca...

— Prefiro a caça, a tua bocca disse,  
Bocca de rosa, perfumada e fresca !

Pois seja, eu concordava,  
Abotoando as tuas luvas pardas ;  
Atirarei ás pombas e ás trocazes.  
E, logo, pondo as nossas espingardas  
A tiracollo, fomos indo, fomos  
Como dous bons e joviaes rapazes.

Não era mais a flôr dos hippodromos  
E dos bailes fidalgos  
A linda flôr, que junto a mim marchava  
Festejando aos dous galgos,  
Que, atrelados, seguiam-nos a estrada,  
De colleiras de prata e orelhas rombas;  
Era Diana, então transfigurada  
Em mais galante e humana caçadora,  
De « corset » verde, e gorro de velludo  
Encarcerando a humida trança loura.

Era no mez das pombas,  
Azas em harpa, em bando,  
E a mais clara manhã das manhãs claras,  
Estrellada de flores de laranja,  
O bom cheiro exhalando;  
E era rasgando os campos e as seáras  
A trilha que nós iamos seguindo.

Vinha rompendo a aurora :  
A terra, o céu, se transformava tudo  
N'um panorama lindo !  
Nas mais ridentes claves  
Instrumentavam, pelo verde afóra,  
As festivaes e pequeninas aves  
O formoso libretto  
Da luz, bordando de auri-rosa franja  
O frescor matinal do azul celeste...

E era um concerto agreste !  
Mas tão bello, tão limpido, tão doce,  
    Como si aquillo fosse  
O trinado de rimas de um soneto.

Era no mez das pombas !

Iam os galgos abanando a cauda,  
A lambêrem-te, alegres, a mão alva.  
Hoje d'esse episodio e de mim zombas.  
    Fois foi a melhor lauda  
Do meu livro de amor; d'essas, que a gente  
Marca, cheia de riso e de interesse,  
    Com uma folha de malva...

Nunca manhã tão prospera morresse !

Era no mez das pombas,  
E era com febre que eu te dava um beijo.  
Já não sei si fizemos, finalmente,  
De mortas aves prodiga colheita...  
Eu me lembro, porém, que d'essa feita

Matámos o desejo !





## No baile

Hontem, no baile, quando todos viam,  
Em apotheose franca,  
Aquella flôr de renda e de escumilha,  
A mariposa branca,  
Girar no «tour» de uma infernal quadrilha,  
Eu lhe quebrei o leque perfumado.

E aquelles labios roseos me sorriam  
Depois d'esse fracasso,  
Que eu commetti, por ter errado o passo.

Aquelle bello mimo  
Foi presente, talvez, de um namorado,  
Ou dádiva de um primo,  
Como lembrança de uma data... O moço  
Com certeza lh'o deu depois — pudéra !  
De enlevados instantes,  
Quando, na tarde de uma primavera,  
Adorava-lhe'a curva do pescoço...  
— Como são doudos todos os amantes !

.....

Mas voltemos ao caso  
Do meu celebre crime,  
Em que victima fui do meu desazo,  
Cujo remorso pertinaz me opprime.

Aquella flôr me odiará... Mas isto  
E' a maior desgraça,  
Que, impiedosa, cabe-me em sentença.  
(Do coração no código, está visto)  
Mas tudo diz-me que ella em mim não pensa.

E eu creio vel-a ainda,  
Como uma nuvem diaphana de cassa,  
Ligeira e leve, perfumosa e linda,  
Adelgaçar-se no ambito da sala...  
Melodiava a orchestra. A contradansa  
Animava-se aos poucos ;  
Mas eu sómente ouvia a sua falla,  
Como quem ouve a voz de uma criança.  
— Pobres poetas, como somos loucos !

Apresentei-lhe o braço  
No segundo intervallo, e deu-se um giro !  
Ella — flores no collo e no regaço,  
(Creio que margaridas)  
Disse-me, entre sorrisos e um suspiro,  
Cousas tão boas, breves e queridas !...

Cedeu-me o leque para ter libertas  
Suas duas mãosinhas enluvadas ;  
E assim me honrava a tentadora moça.  
As palpebras abertas  
Eu tinha ás suas graças adoradas,  
Quando ella disse, despertando-me, ouça...

«Tour de mains... chaîne», tá ! foi-se a vareta !  
Quebrei-lhe o leque ! A examinar me animo  
A' aza infeliz d'aquella borboleta,  
Que talvez fosse o talisman do primo...

Inclinei-mê submisso :  
Tinha o rosto escaldando e a alma viuva.  
E quando eu desculpei-me, assustadiço,  
Levou-me á bocca a perola da luva !





## Madrigal de um doudo

### I

Eu nada disse, nem pedi, nem quero ;  
E, certo, eu nada disse  
Dos teus encantos, porque sou sincero.  
Tudo quanto esta bocca,  
Que tem beijado o turbilhão de actrizes,  
Disseste, além de pallida tolice,  
Seria a expressão ôca :  
Só ha perfume e côr no que tu dizes,  
Amada flôr da Hespanha,  
Rosa branca do sonho e da esperança,  
Por quem — triumpho que ninguem alcança !  
Andamos todos na floral campanha.  
O teu destino olympico preside  
O amor, o amor sômente ;  
E és para mim, senhora, um poëta e um crente,  
A grande estrella do paiz do Cid !

## II

Nada pedi, nem peço  
A' tua graça, ao teu ardor, á tua  
Carne sedosa de mulher, mais alva  
Do que um raio de lua ;  
E mais cheirosa, e de maior apreço  
Do que uma folha sensual de malva !  
Flôr e vespa a um só tempo ; borboleta,  
Que aureas azas derrama  
Por sobre a clara scena da opereta ;  
E dama igual á dama  
De Pompadour ; graciosa gentileza  
Da côrte Benoiton, que as honras faça  
E o esplendor de uma sala,  
Mais que uma estrella de maior grandeza,  
Que um diamante sem jaça,  
Branca, da côr de uma formosa opala !...  
Ninon que se destaca  
Pela correcta linha do collete ;  
Olhos cheios de lume,  
Como polidas laminas de faca ;  
Mulher que se adivinha no perfume,  
No tilintar febril do bracelete !

## III

Nada quero, bem certo,  
Além d'esta ventura de adorar-te,  
Além do goso de te ver de perto.  
    Tu, que és a orchidea d'arte,  
Cheia de mimos, cheia de desvellos,  
— Dedos, que de ti cuidam, perfumando,  
Acclimatada dentro das estufas,  
    Deves ser desejada  
Por fidalgos excentricos e bellos,  
    Os dandys da alta roda,  
De vidro ao olho e, mão empellicada ;  
Duques do sport, e fino talhe á moda,  
Lapella em flôr, n'um apurado esmero,  
    Principalmente quando  
Das cançonetas o pandeiro rufas...  
— Castanholas na mão ...

Bravos !

Salero !





## Inverno

Por este inverno, que é de risos, e algo  
Tem de extranha e sonhada primavera,  
Na aza alegre e voluvel da chimera  
Passeio o meu espirito fidalgo.

Levo um nome exquisito e um leve buço  
De scandinavo principe janota ;  
E, disfarçadas no canhão da bota,  
As frasqueiras de kirsch e kummel russo ;

Seguindo sempre — cavalheiro guapo,  
Das filhas de Eva o luxuoso bando,  
Jovial e altivo, como que levando  
Cem condessas austriacas no papo !

O redondo monoculo de myope,  
Para dar linha e ver melhor, applica  
A minha mão calçada de pellica  
Da côr preta e lustrosa de um ethiope.

Agasalhado, justo, em lã e pelle  
— Veston polaca e o gorro então de lontra,  
Rompendo o dia quem quizer me encontra,  
Antes que o «groom» o arabe ao carro atréle.

Pois logo que de purpura se encharque  
A humidade cortante do ar opaco,  
Vou, de bengala e orchidea no casaco,  
Dar um passeio hygienico no parque.

Opalinam-se as matutinas brumas  
De encontro á luz... E é todo o céu coberto  
Pelo maior, mais amplo leque aberto,  
De muito brancas e floccadas plumas !

Esse giro de artisticos detalhes  
E' alto, é nobre, é pariziense, é chic !  
E faz lembrar o soberano Henrique  
Nas alemedas floreas de Versailles.

Andam senhoras — typos de romance,  
Na quentura sensual dos «water-proofs»,  
De quadrís largos, á feição dos puffs,  
Trocando, a geito, olhares de relance,

N'um disfarçado e interessante firto,  
D'onde parte uma certa garridice,  
Como um thiê, que, ao fresco albor, sahisse  
Das ramadas floríferas de um myrtho.

E depois disto — um delicioso almoço,  
Entre a gloria de nove ou dez mulheres,  
De dolman, feito como o dos alferes,  
E pellicas, e arminhos no pescoço.

E já o sol, que de aureas lanças anda  
Golpeando o espaço, como o heróe mancheço,  
Põe quenturas e uns toques de aconchego  
No rutilante quadro da varanda.

Ingleza, aquella ; e aquella (não desvaires,  
Oh ! delicado espirito de raça !)  
Patricia ; porém uma, a de mais graça,  
Luxuriosa flôr de Buenos Ayres !

A allegoria esplendida do estuque  
— Venus surgindo do elemento salso,  
Contemplo ; e as luvas devagar descalço,  
Com a fidalguia natural de um duque.

Eu, que na extrema correcção não pecco,  
Dou o braço a uma estrella italiana,  
Que me offerece, nobre e soberana,  
A bellissima rosa do jaleco.

De sua mão, branca e franzina, tomo  
Tão alto mimo, exotico e bonito,  
E n'ella um beijo, manso, deposito  
Com toda a graça de um galant'uomo !

Vou docemente conduzindo-a á mesa...  
 Sentam-se todos n'um festim galhardo;  
 E eu, defronte, aparando o frio dardo  
 Do ciumento e garço olhar da ingleza.

Um distincto «menu»: lebre e perdizes  
 Em porcellana antiga de tons claros;  
 E no crystal da copa — vinhos raros  
 De todo o gosto e todos os matizes...

Ramilhetes enfiaram-se nas jarras  
 De «baccarat», em cujo esmalte brinca  
 O mago olhar de uma allemã, que trinca  
 Corações pequeninos de alcaparras.

Dá começo ao epicuro massacre  
 Fino prato de espargo ou beterraba  
 «Sauce piquante»... E quando a miss acaba  
 Tem a bocca inflammada e côr de lacre!

Hilariantes trincojeos e altos  
 Sons de metal e louça fina em choque;  
 Anda no ar o atticismo de um remoque  
 De afinados espiritos exaltos...

Quando ainda uma vez — a quarta ou quinta,  
 Do Tokai ou do Chypre exgótto a dose,  
 N'uma esfusiante e trepida nevrose,  
 A prataria do «dessert» tilinta.

Fructos de cá, das mais variadas cascas,  
Pintalegrando a alvura da toalha;  
E a polpa de ouro, que o criado talha,  
De um cheiroso melão, servido ás lascas.

Que a amoravel ingleza se constranja  
Jámais permittir; pelo simples factto  
De, sem maguar-se e sem quebrar o prato,  
Não poder debulhar uma laranja:

Eu, que me sinto agitadissimo e arfo  
Por agradar ao «vis-à-vis» travesso,  
Vermelha, em cacto, a fructa lhê offereço  
Apunhalada nos pontaes do garfô:

Que ella ao acto de um «gentlemen» se esquerde  
Não se me dá, pois tenho encanto novo  
Vendo-a tomar, em taça casca de ovo,  
Dous delicados goles de chá verde.

Não fosse ingleza esta mulher, não fosse  
Do alvo paiz dos olhos de esmeralda,  
E, em vez de chá, preferiria a calda  
Da compota real que o «garçon» trouxe.

Para que, emfim, a natureza integre  
A aurea jovialidade que alli rola,  
Sai das pautas iguaes de uma gaiola  
A nota aguda de um canario alegre.

O fim das horas de repasto é lindo !  
Rumor de saias, qualquer cousa tomba...  
Ha o barulho fugaz de azas de pomba,  
Nervosa e forte pelo espaço abrindo !...

O mulherío claro se despenca  
Por toda a sala... E, enternecido, eu olho  
A miss, que ajusta ao curvo peito um mólho  
De palmasinhas naturaes de avenca ;

E a rir, para que o busto desempene,  
Levanta os braços e desaparece,  
Arrepanhando ao alto a loira messe  
Do cabelo a exhalar «fleur de la reine »...

*Trecho de um poema ideado,*



## Tête à tête

Sabbado, ao pino ! Sabbado... excellente  
Dia, de oiro e de azul, para a entrevista  
De uma excentrica flôr, mûndana e albente,  
E este exquisito artista.

Ao meu encontro, doce amada, corre  
Quando, afegre vibrada,  
A sonora câpanuía sagrada  
Tinir, trinando, tremula, na torre...

Ou vem mais cedo, ás onze...  
— Já em minha mente o teu perfil perpassa !  
Ah ! si eu pudesse perpetuar-te a graça,  
Como se perpetúa um rosto em bronze !

Nem podem versos immortalisar-te  
A figura travessa :  
Ha um sonho estellar de culpa e de arte  
Na tua leve e original cabeça.

Mas, espera : vejamos  
 Onde o escondrijo d'essas andorinhas.  
 Olha que estão fructificando as vinhas  
 E aves, noivando, cantam-lhe nos ramos.

E o verde ri !.. Prende o cabelo ao grampo,  
 Afoga o corpo em lyrial frescura  
 De talhe doce, e entrega-me a cintura  
 Que eu te conduzo ao campo.

Uma latada a geito,  
 Ou... tu mesma dirás o que preferes ;  
 Saibas, formosa, que sou pouco afeito  
 Ao convívio elegante das mulheres.

Nem o lilaz do ~~machigal~~ machigal floreja  
 Na aura da graça, a ~~espiritual~~ espiritual molestia ;  
 Não penses que eu esteja  
 Desfolhando a violeta da modestia.

Violetas, sim, mas em pequenos mólhos  
 Nos teus seios arfantes...  
 Não, que para tontear-me são bastantes  
 As violetas escuras de teus olhos.

Nem tanto o vinho : elle ha de, crystallino,  
 N'um ágape florido,  
 Rosar-me as faces e ha de ser bebido  
 Por um só calix, facetado e fino.

Cerejas ?... pensa, louca,  
Que me offereces uma nos teus labios ;  
Só tarde eu saberei, pelos resabios,  
Si mordo o fructo ou si te mordo a bocca.

Linda, com um ar de supplica e vergonha !  
Entre promessas e a perdiz trufada  
Dizendo irá do amor e do Borgonha  
Tua bocca estrellada.

Entre nós se desfralde  
O côr de rosa pavilhão do riso ;  
E fóra, sobre o nosso paraiso,  
Desdobre o sol a outra bandeira jalde !





## Dias alegres

### I

Foi uma tarde do diabo !  
Ante a florista basbaque,  
Puz na lapella do frake  
Um teso jasmim do Cabo ;

Dei certo tic ao bigode,  
Ao cabelo, á barba rala,  
E fui, dansando a bengala,  
Tomar o carro... Um pagode !

De veia e «toilette nova»  
Chego ao termo ; que travesso !  
Ou eu um poema mereço,  
Ou eu mereço... uma sova.

Dedo no tympano — dlinde...  
Tudo a surpresa, ao acaso ;  
Quem me vai vendo o desazo  
De minudencias prescinde.

Criada ao alto. Perfeito,  
Diante de tanta elegancia,  
Tanto o meu ar de importancia,  
Como o meu jasmim no peito.

Então, maior que os kalifas,  
No vestibulo proçuro  
Abafar, cauto e seguro,  
Meus passos nas alcatifas.

Ouçõ gemidos no quarto...  
Sendo de moça a vivenda  
Suppuz que... boas, entenda !  
Ou se tratava de um parto.

Entro, fazendo um exame :  
Sobre a mesa de páo preto  
Dous canarios — um duetto,  
Fofos, no chalet de arame.

«Un coup d'œil» ao gabinete :  
— Luz velada, docé e morna ;  
O quadro do chão adorna  
Vivo painél de um tapete.

O bric-à-brac de luxo  
Do interior de uma artista  
Exposto á lampada, á vista,  
Coalha o dunkerke de buxo.

No padrão frio do estofo  
Do cortinado da porta,  
Estrellejando em côr morta  
As artimizias do mofo.

Da memoçia agora cae-me  
Um gaudio para as esposas :  
Havia entre tantas cousas  
Um tomo azul do D. Jayme.

Mas o que a palheta doira  
E' o cabelo, a fulva lhama  
Da pequena sobre a cama,  
A flôr da opereta, a loira!

Livre do pente e dos grampos,  
Espalhado sobre a fronha...  
Oiro de côr mais risonha  
Que a da macéga dos campos,

Gemendo — sorte do diabo !  
Victima, emfim, de um ataque...  
Murcho, da casa do frake  
Cahiu-me o jasmim do Cabo...



## II

« Salero, viva la gracia »!  
Pepita, alegre Pepita,  
Lembras-me, fresca e bonita,  
Um floreo ramo de accacia.

Permitte, filha, que eu ache  
Bizarra a tua jaqueta,  
Sobre curta saia preta  
Toda bordada a soutache.

Risonho e flavo domingo!  
O sol enchendo os espaços  
Como enchia antigos paços  
O aureo esplendor de um gardingo

Verão largo, verão pleno,  
Que faz estuar o sangue  
Na tua carne alva e langue,  
Pondo-me o rosto moreno.

E cornetins, e fanfarras  
— Agora n'isto reparo,  
Anda vibrando no claro  
O pelotão das cigarras.

Vamos, oh ! alma hespanhola,  
A' solidão de uma quinta:  
Meu braço na tua cinta,  
Teus dedos na ventarola.

Vamos ver o céu e o campo...  
Põe ao alto a trança ardente,  
Apunhalada a serpente  
Pelo florete de um grampo.

Bello atavio descubro  
Para o penteado em novello :  
Na treva de teu cabelo  
O sangue de um cravo rubro.

Não vamos lá como ricos ;  
Como noivos... que respondes ?  
Agora que estão as frondes  
Cheias de flores e bicos !...

Comtigo, flôr de Coquimbo,  
Irei a pé pelos ermos,  
Buscando as rimas e os termos  
Nas espiraes do çachimbo.

Pelo matiz dos caminhos,  
Vendo-te o chiste de guizos,  
Ha de se abrir em sorrisos  
A bocca ingenua dos ninhos.

Que não vá outro comnosco,  
Para adiar tanta cousa ;  
Comtigo, a sós, quem não ousa  
Sobre um divan de pão tosco ? !

Sem testemunha e sem pompa,  
Que eu tenho raiva do pasmo ;  
Nada esfrie o entusiasmo,  
Nada o meu sonho interrompa,

Olhos de uva em frente nivea...  
— N'essas duas taças conto  
Esvasiar tonto, tonto,  
Todo o Xerez da lascivia.

Que me morda e me massacre,  
Fibra a fibra, veia a veia,  
Todo o enxame da colmeia  
Da tua bocca de lacre.

E um flamboyant largo e velho,  
Cheio de hera e dithyrambos,  
Sobre o calor de nós ambos  
Abra um paragua vermelho.

Aqui tens o teu torero  
(Sem glorias e sem damasco)  
Olha as guitarras e o frasco...  
« Salero; n'ña, salero »!



# IMPRESSIONISTAS

A CESAR DE LIMA CAMPOS





## I

Morto solar, de velhas arcarias !  
A architectura podre, derrocada ;  
Torres cahidas, marmores de escada,  
Grossas paredes humidas e frias.

Pela extensão das camaras vasias,  
A nua ogiva, de hera pendurada ;  
Rotos painéis, a cupula furada,  
Larga sombra de vastas galerias !

Por toda a ruina um tumular socego...  
Só, por baixo das arvores damninhas,  
Zunem rapidas azas de morcego...

No merencorio corpo da capella,  
Para aquecer as pobres andorinhas,  
Entra um raio de sol pela janella !

## II

Nos alcantís asperrimos da ilhota,  
Cheios de musgo e arbustos enfezados,  
Vão repousar alcyones, chegados  
De uma paragem humida e remota.

Mas quando os pés n'esses rochedos bota  
Aquelle par de extranhos namorados,  
De binoculo em punho e braços dados,  
Para mais longe os passaros enxota :

Um mundo de azas pelo mar se espalha!  
E, no rubro clarão de uma fornalha,  
Escalda o poente, ensanguentando a fragoa...

Emquanto o par não volta, a onda geme  
E o barco espera-o, de patrão ao leme,  
— Mão no canhão e linha dentro d'agua.

## III

Dão para o golfo as duas janellinhas  
Do seu chalet de banho, provisorio,  
Edificado sobre um promontorio,  
Todo cheio de garças e andorinhas.

A perspectiva e as virações marinhas  
Melancholisam-lhe o viver simplorio,  
N'aquelle ninho esconso, roxo e floreo,  
Enramado de pampanos e vinhas,

Como gentil habitação da Hollanda,  
De gaiolas no tecto da varanda,  
Quadros de campo e rustica mobilia...

Conchas, buzios, coraes sobre o consóle,  
E ella, entre galgos, alquebrada e molle,  
Perto do mar e longe da familia !

## IV

Tem a sua cabana entre os abetos  
E as verdejantes arvores do Minho,  
Aquella aldeã, aquellê diabinho  
De lustrosos cabellos e olhos pretos.

Quando o sol nasce e a pomba sai do ninho,  
E bicos de aves abrem-se em duettos,  
Pés, que se ajustam n'um d'estes quartettos,  
Mette-os, descalços, no ingreme caminho,

Arrebanhando as cabras e os novilhos,  
Que pela ervagem humida dos trilhos  
Vão retouçando e magem de alegria...

E vê-se a aldeia : aljofares de neve  
Estrellejando as messes ; e, de leve,  
Cantam no eirado e resplandece o dia !

## V

E tu não voltas, corça foragida  
Do meu albergue rustico e tranquillo !  
Onde vais tu achar um outro asylo,  
Feliz e pobre, que te adoce a vida ? !

Das trepadeiras vírdes despida  
Cáe-me a choupana, onde aninhou-se o grillo ;  
Nem mais um trino, um trinulo pipillo  
De andorinha, nas telhas escondida !

Teias de aranha e o musgo esverdeado  
Cobrem o tecto e as humidas paredes  
Do nosso quarto, mudo e abandonado;

Tristes e murchas as orchideas ; morta  
A madresylva de olorosas redes,  
Que era o alpendre florifero da porta !...

## VI

Trago-te agora, em trémulo debuxo,  
Maã desenhado, o nosso ninho agreste,  
Conforme o plano e explicações que deste,  
— Claro, alegre, pequeno, mas sem luxo.

Vê—um lar amórosø e pequerrucho,  
De fachada lyrial para o nordeste ;  
E um gramado jardim, que talvez preste  
Para fazer-se um lago com repuxo.

Reina o bom gosto, o nosso gosto, em tudo;  
São das beiras do telhado agudo  
Pombas criando e lambrequins chinezes :

Cortinas brancas na janella, em cujo  
Fundo apparece o rostosinho sujo  
De um risonho fedelho de dez mezes !

## VII

Habita a ingleza um sítio de recreio,  
Avarandado e de grádil na frente.  
Em cima — as frondes do pomar virente,  
O campo ao lado e o muro de permeio.

Sai da cascata um crystallino veio,  
Que entre seixos escapa-se fremente ;  
Um flamboyant por fóra do batente,  
De borboletas e de flores cheio !

E sobre o lago do jardim florido,  
De exquisita graminea guarnecido,  
Como a moldura de um redondo espelho,

No verde crú das folhas espalmadas,  
Pelos raios do sol envernizadas,  
Abre a corólla um nenuphar vermelho.

## VIII

Abrem duas janellas para a rua,  
Com trepadeira em arcos de taquara ;  
A cortina de renda, larga e clara,  
Alveja ao fundo da vidraça nua.

Em frente o mar, e sobre o mar a lua,  
A estrellejar a onda que não pára ;  
Aflam azas por cima e solta a vara,  
N'agua brilhante, o mestre da falua.

Echos nocturnos e o rumor extranho  
Da meninada trefega no banho  
Voam da praia ao chaletzinho della ;

Move-se um corpo de mulher, no escuro ;  
Gira, após, o caixilho ; e o luar puro  
Ilumina-lhe o busto na janella !

## IX

Setembro invade o azul de sol brilhante !  
E em noites quietas o luar ensopa  
De claridades languidas a copa  
Da amendoeira larga e florejante.

A primavera, a deusa fluctuante,  
Nas borboletas céleres galopa...  
Em cada flôr uma illusão se topa,  
E um beijo, e um riso em cada labio amante !

Carregando particulas de cisco,  
Para fazer o ninho nos pomares  
Chega da serra o passarinho arisco ;

E é outro o amor, outra a canção nas mondas,  
Vida nas praias, pombos-d'agua, aos pares,  
Balanceados no ápice das ondas !...

## X

Fim de tarde serena e violetada...  
No céo — duas estrellas, e arrepios  
Na saphyra do mar, toda coalhada  
De emmaranhados mastros de navios.

Longe, entre nevoas, traços fugidios  
De uma cidade branca derramada  
— Casas, torreões e coruchéus esguios,  
Por toda a clara fita da enseada..

Aqui bem perto, aqui, na argentea praia,  
Contra um rochedo nú, calcareo e rudo,  
Do poente a frouxa claridade estampa,

Balouçando-se n'agua, uma catraia ;  
E, agasalhados no gibão felpudo,  
Pescadores que vão subindo a rampa...

## XI

Lembrei-me, ha dias, de ir viver na roça,  
Entre sómbras de chacara verdoenga,  
N'uma casinha, a-imitação flamenga,  
Ou mesmo dentro de uma pobre choça,

Sobre a montanha ; um sitio de araponga,  
Onde, si tu me acompanhar quizeres,  
Acharás o preciso aos teus mistêres,  
Prevendo o caso de uma estada longa.

Mas que da nossa habitação tranquilla  
Aviste-se o caminho, a igreja, a villa,  
O rio, a ponte, as terras de lavoura...

Póde ser que a mudança te aproveite  
E eu veja ao collo, a te chupar o leite,  
Um roseo anjinho de cabeça loura !

## XII

Ensombra a porta e as rusticas janellas,  
Que ás borboletas brancas dão passagem,  
Carramanchél de rosas amarellas,  
Estrellando a verdura da ramagem.

Curva-se a rede em baixó das capellas...  
— Pé, cabelleira, braços e roupagem,  
Roçando o chão e o pello das chinellas  
Tudo transborda em confusão selvagem.

O morno sol, coado n'uma fresta,  
Morde-lhe a bocca, a palpebra cerrada  
E a mão, no seio, em posição honesta...

E n'aquella penumbra perfumada,  
Como querendo arrebatá-la á sésta.  
Solta um canario trinula risada !

## XIII

Um chaletzinho tosco, um ninho a geito,  
Para um casal de alegres cotovias,  
Entre um massiço de arvores sombrias,  
Pequenino, romantico, bem feito ;

Cortinas brancas no rendado leito  
De uma camara azul, e noites frias !  
O sol vindo aloirar todos os dias  
A madresylva sobre o parapeito ;

Pombas nervosas e arrufados pombos  
Em pelejas equivocadas, aos tombos  
Sobre o telhado ; orchideas nas paredes ;

Cheiros que exhalam quando rompe a aurora,  
Canções, risadas, passaros por fóra,  
Dentro do ninho, então — eu e Mercedes !

## XIV

Guarda o mastim, como fiel amigo,  
Na quentura do sol, deitado á porta,  
O parreiral, as arvores, a horta  
E o que pertence ao isolado abrigo.

Quatro casaes de pombos no telhado,  
Batendo as azas com ruidoso alento...  
Além — nesgas azues de firmamento,  
Em baixo — o pasto e velho boi deitado.

Andam aragens matinaes e frescas  
Castanholando as palmas do coqueiro  
Enredado de sylvas pittorescas...

Resplende o sol ! E, junto do moinho,  
Entre os brancos florões do jasmineiro,  
Um beija-flôr doirado tece o ninho.

## XV

Um ninho ! um ninho preso estreitamente  
Ao pendor vicejante da collina ;  
O frontispicio, ás tardes, illumina  
A flamma de oiro e purpura do poente.

A hera trepa e invade toda a frente :  
Tapa a caliça e o tecto contamina,  
Cáe na janella, em fórma de cortina,  
É desce á porta, caprichosa e rente.

Rosas abertas, lubricas, vermelhas,  
— Eden da vista e pasto das abelhas,  
Bordam o quadro da gentil morada ;

Dentro, todo o requinte da elegancia :  
Quadros, estofos, musica, fragancia...  
E a fidalga senhora enfasiada !



# ▼AL DE LYRIOS

A MINHA MULHER





## Canção palomba

Ha uns laivos riços de papoula  
No occaso, longe, além do outeiro,  
Occaso de ócre e lantejoula ;  
E anda uma só, tardia rola  
A entristecer o bosque inteiro :  
    Captiveiro, captiveiro...

Mas, de arma ao hombro, o meu caminho  
Eu vou seguindo aventureiro ;  
E vou pensando, então, sósinho,  
N'aquella voz de passarinho  
Que enche de magua o caminheiro :  
    Captiveiro, captiveiro...

E' quasi noite, e vejo perto  
A pobre casa de um roceiro ;  
Em derredór — tudo deserto !  
Mas ha de haver um rancho aberto,  
Sem este distico agoureiro :  
    Captiveiro, captiveiro...

Meditativo e extenuado,  
 Sentej-me no alto de um terreiro,  
 Ouvindo sempre do meu lado,  
 Onde alvacento e socegado  
 Abre-se em flôr um espinheiro :  
     Cativeiro, cativeiro...

Além, além, tenra lavoura  
 De um montanhez ou de um foreiro,  
 Da gente, emfim, trabalhadora...  
 E em chamma rubra, em chamma loura,  
 Queimadas vão subindo o aceiro.  
     Cativeiro, cativeiro...

D'este outro lado, estrada á riba,  
 A tropa e a trova de um tropeiro ;  
 Fulvos listrões do Parahyba ;  
 Rema, de cóvo e pindahyba,  
 Tristonhamente um canoeiro.  
     Cativeiro, cativeiro...

Descanço á porta da choupana  
 O polvarinho, a arma e o chumbeiro ;  
 Tiro o chapéo, e uma serrana  
 Dá-me a beber, dá-me uma canna  
 Cortada alli no seu canteiro...  
     Cativeiro, cativeiro...

Arranco a faca da cintura...  
(Sedento estou como um rafeiro)  
Olha-me a ingénua creatura  
Como quem diz: si mais fartura  
Meu pae tivesse, ou então dinheiro...  
    Cativeiro, cativeiro...

A bemdizer a minha vinda  
Ella estudava um ar faceiro ;  
Eu olho-a sempre, eu olho-a ainda...  
Mas esta moça, que é tão linda!  
Mas este olhar, que é tão fagueiro !  
    Cativeiro, cativeiro...

Já no silencio expira o dia,  
Um dia quente de Janeiro ;  
Dá muito longe — Ave Maria...  
E uma christã melancholia  
Ha no momento derradeiro.  
    Cativeiro, cativeiro...

Quando ao partir — é noite quasi !  
Quero ser grato e cavalheiro,  
Ella retruca á minha phrase :  
— Pois com o senhor, moço, se case  
Uma lindeza de dinheiro...  
    Cativeiro, cativeiro...

Agorá amargo, ermo e tristonho  
Era o seu doce olhar fagueiro ;  
Nem mais o labio era risonho  
Quando, sem luz, de pé me ponho,  
Como um fantasma, no terreiro...  
    Captiveiro, captiveiro...

Descarregar minha espingarda  
Eu quiz, depois, sobré o espinheiro...  
Ai! pomba rôla, ai! rôla tarda!  
Hoje te aninha, hoje te guarda  
Meu coração de bandoleiro!  
    Captiveiro, captiveiro...



## Nosso Pae

— Bemdito, santo, louvado seja...  
Côro de gloria, dentro da igreja,  
Para a agônia do espaço\*vem ;  
O oleo da magua na tarde escorre,  
Que é como um lyrio : rescende e morre.  
Belem !... Belem !...

Cabeças nuas e mãos no peito,  
Joelhos quêbrados ; unção, respeito,  
Mulheres e homens no rosto têm ;  
E agora o canto do excelso rito  
E' a melópéa de um só Bemdito :  
Belem !... Belem !...

A hora suprema no azul roxêa ;  
E os casaes tristes da pøbre aldeia,  
Montes e valles — roxos tambem !  
Paixão dorida por tudo e em tudo ;  
Na harpa calada do instante mudo...  
Belem !... Belem !...

Sol do Calvario que, enfim, morreste!  
Tanta saudade, tanto cypreste  
No horto do Sonho — Jerusalém.  
Pretorianos de lança em riste.▲  
Que luz viuva, que moça triste!  
Belem!... Belem!...

Pallio de seda levando o padre...  
— Que o Cão Maldito nunca mais ladre  
Contra a doçura do Extremo Bem;  
Samarra negra, brancor de linho,  
Como a pureza de um cordeirinho...  
Belem!... Belem!...

Melancholia, goivo nas almas;  
E um pombo branco, de azas espalmas,  
Que a todos toca, não o vê ninguém.  
Flores e fructos, plumagens de ave,  
Tudo silente, de roxo e grave.  
Belem!... Belem!...

Louvado seja, doce Maria,  
O Sacramento da Eucharistia,  
Bemdicto o fructo, Jesus. Amen.  
— Que fim de tarde tão merencorio!  
Como o silencio de um oratorio.  
Belem!... Belem!...

Pallio estendido, céo estrellado,  
Com o padre simples, acompanhado  
Da gente humilde, que segue além...  
E abrem constricta, pungida tropa,  
Irmãos piedosos, de cyrio e ópa.  
Belem !... Belem !...

Bronze sagrado, pequeno sino  
De som plangente, mortuario e fino,  
Vibrado sempre por mão de alguém ;  
Ah ! como a tarde roxa esmaéce,  
Vivendo a sombra, morrendo a prece...  
Belem !... Belem !

Alma exhalante de um flébil goivo,  
Jesus ferido seja teu noivo,  
Votés á argilla manso desdem ;  
Vida e doçura, esperança nossa,  
Tu'aza de anjo por tudo roça !  
Belem !... Belem !...

Oh ! Agnus branco do Amor nascido,  
Ouço o teu brando, frouxo ballido...  
Immaculada, casta Cecêm,  
Hostia de leite, Lua da torre,  
Dê o teu trigo Pão a quem morre !  
Belem !... Belem !...



## Meio dia

### I

D'antes, eu era pobre menino...  
Como estas horas, como este sino,  
Trazem-me langue recordação !  
Silenciava... Conchego de aza  
Por sobre as telhas de minha casa,  
Com pombas brancas, que vêm e vão.

Blão !

### II

Tão pobresinho que eu d'antes era !  
Nem tudo é rosa nem primavera,  
Céos estrellando, florindo o chão ;  
Porque assim enches, oh ! minha infância,  
De mais saudade, de mais fragancia  
A ermida triste do coração ?

Blão !

## III

Luz modorrenta do meio dia,  
Banhando as casas da freguezia,  
Calmos instantes de lassidão...  
Passaros quietos, empoleirados ;  
De orelhas murchas e olhos fechados,  
Deitado á porta meu velho cão.

Blão !

## IV

— Christo nascera — clarina o gallo :  
Meu pae mandando ver o cavallo,  
Para 'a lãvagem mais a ração.  
As cordas de oiro da luz tinindo,  
E um ar parado, calmoso e lindo,  
Narcotisava toda a amplidão.

Blão !

## V

Embora houvesse muita pobreza,  
Toalha branca punha-se á mesa...  
— Pão da merenda, materno pão !  
Depois, voltados lá para a igreja,  
Que sobre o outeiro verde branqueja,  
Todos resavam com devoção.

Blão !

## VI

Hora solemne do dia a prumo!  
D'aquelle tecto espirala o fumo,  
Ringe a moenda, bate o pilão;  
Como que em sonhos óra e repousa  
A alma divina de cada cousa,  
Da luz na quente fulguração.

Blão!

## VII

Flores de bruço sobre os barrancos;  
E' agora o valle de lyrios brancos  
Capella, e noivas em confissão...  
Nem canto alegre de voz humana!  
Apenas o echo de Graça e Hosanna  
Vibrado largo na solidão:

Blão!

## VIII

Nas poças de agua, verdes é preças,  
Espiral branca de borboletas  
Vejo subindo, n'uma oblação,  
Mas tudo em doce recolhimento...  
A terra, os ares, o firmamento  
Serenos, graves, elyseos são.

Blão!

## IX

A arvore fecha no espaço ardente,  
E ha um socego morno e dormente  
Na minha simples habitação ;  
Suspendo a ingenua, casta leitura,  
Páram os eitos, pára a costura,  
Como que mesmo pára a razão ..

Blão !

## X

Quatro janellas n'esta varanda :  
D'aqui diviso n'uma locanda  
Homens, que, exhaustos, bebendo estão ;  
Creio que aquellas longinquas terras,  
E aquellas pedras, e aquellas serras  
Sejam as mesmas do meu torrão.

Blão !

## XI

O sol caustica depois das onze  
E o pobre espera que o santo bronze  
A' paz e á sombra chame o christão ;  
— Dependuradas ás longas fouces  
Combucas d'agua, la'ranjas doces,  
Suspendem todos a occupação.

Blão !

## XII

Café de caldo pelas tigellas ;  
Lindas caboclas, nediaz donzellas,  
N'uma caseira conversação...  
— D'antes eu era pobre menino,  
Que a estas horas tocava o sino,  
Hoje de tanta recordação...

Blão !





## Hora do chá

Horas mortíferas, o chá na mesa,  
Todos em roda para o cavaco...  
Que habitos lindos, de singeleza,  
Os d'essa austera familia ingleza !

Tico, taco ;

Tico, taco.

Um rumorzinho de pendulo anda,  
D'entre a conversa, medido e fraco,  
Sobre a cabeça da loira Wanda,  
Que enche de graça toda a varanda.

Tico, taco ;

Tico, taco.

Da loira Wanda, que é já futura  
De um rapaz forte como um cossaco ;  
Que, de olhos postos sobre a Escripura,  
Vai lendo, a linda da creatura !

Tico, taco ;

Tico, taco.

Da loira Wanda sentada em frente  
Do rapaz forte, de olhar velhaco,  
Que, gracejando continuamente,  
E' a alegria de toda a gente...

Tico, taco ;

Tico, taco.

Ollhos de lyrio, tranças doiradas  
Rolando, frouxas, sobre o casaco ;  
Lembra uma doce flôr de Balladas  
D'aquelle tempo de hespanholadas !

Tico, taco ;

Tico, taco.

Raphaelesco par de anjos rindo  
De vovósinha cheirar tabaco,  
— Tremulos dedos a caixa abrindo,  
De oculos grandes e reluzindo...

Tico, taco ;

Tico, taco.

Nos bandós lisos do seu cabello  
Nem um só fio d'aqui destaque,  
Que alvo não seja, da côr do gelo :  
Toda ella é neve, doçura e zelo.

Tico, taco ;

Tico, taco.

Ao lado a filha, de junto a um moço ;  
Si é pae dos anjos, eu n'isto empaco.  
Tem barbas loiras e rosto ensosso,  
De frente calva, de corpo grosso.

Tico, taco ;

Tico, taco.

Deve a senhora ser sua esposa  
(Mulher do de amplo paletot sacco)  
E o chá na mesa ! Que linda cousa !  
Toda a varanda brilha e repousa.

Tico, taco ;

Tico, taco.

Porcellaneja sobre a toalha  
Liso apparelho, brilhante e opaco ;  
E o bule, ao centro, que o aroma'espalha,  
Um guardanapo claro agasalha.

Tico, taco ;

Tico, taco.

E do relógio sobre a parede  
O rumorzinho medido e fraco.  
Serve chá simples aos filhos, vede !  
A de cabello mettido em rede...

Tico, taco ;

Tico, taco.

Horas mortíferas, o chá na mesa,  
Todos em roda para o cavaco.  
Que hábitos lindos, de singeleza,  
Os d'essa austera familia ingleza !

Tico, taca ;

Tico, taca.



## Na pousada

Esposa ao canto, filhos á beira,  
Tranquillo durmo na minha esteira  
Forrada e larga, posta no chão.  
Por alta noite calmo desperto  
E, de olhos frouxos e ouvido aberto,  
Ouço os latidos, longe, de um cão :  
    Cão, cão ; cão, cão...

Pelo telhado da casa nua  
Tristonhamente penetra a lua,  
E eu fico todo banhado em luz,  
Entre bocejos, abrindo os braços...  
E dão-me os raios, frios e baços,  
Como si dessem sobre uma cruz.

Atraz da caça, que ao faro escapa,  
Descendo á furna, subindo á lapa,  
— Alma perdida na solidão,  
E' a voz bravia, secca e roufenha,  
Repercutindo de brenha em brenha,  
D'aquelle exausto, misero cão :  
    Cão, cão ; cão, cão...

Abro a janella ; meu povo dorme.  
Paz de charneca, silencio enorme  
E um ruffo de azas, fofo e subtil...  
Eu só velando como um duende !  
Humido pausa, soturno explende  
O manto claro, floreo de Abril.

Encho-me de hirto, frio receio...  
Virgem das Dores, em quem eu creio,  
Dá-me tu forças e animação !  
Que a estas horas, Virgem das Dores,  
Andam nas mattas os caçadores,  
Dizem os ladros d'aquelle cão :  
Cão, cão ; cão, cão...

A lua, a Santa Mãe do Soccorrò,  
Piedosa estende por valle e morro,  
Molhado em pranto, de alyo pállôr,  
O lençol bento d'Aquelle Dia,  
Quando em seu collo morto jazia,  
Liyido e roxo, Nosso Senhor.

Todos repousam no logarejo ;  
Muros e ruas banhados vejo  
Do mesmo doce, mudo clarão ;  
E' além do adro que sobe e desce  
— Supplica extranha, faminta prece,  
O acuo errante do triste cão :  
Cão, cão ; cão, cão...

Ha n'estes ermos, tardos luares  
Cactos abertos e nenuphares,  
Ruinas, ermidas, suspiros e ais !  
Misericordia, dó e martyrios,  
Toda a doçura de um val de lyrios,  
Todas as flores dos laranjaes !

Como que vejo no cemiterio,  
Cheio de rosas e de mysterio,  
A alma dorida de meu irmão...  
E mais evóca, me apavorando,  
De roça em roça, de quando em quando,  
O grito rouco do pobre cão :  
    Cão, cão ; cão, cão...

A capellinha caiada, ao flanco,  
Lembra-me aquella de gesso branco,  
Que eu d'antes tinha para brincar ;  
Ao pé da torre de bocca pasma,  
Anda a Saudade, branco fantasma,  
Sob o polvilho d'este luar.

E, no silencio das horas mortas,  
Fechadas todas as sete portas  
Da pequenina povoação ;  
Lá vai sumindo pela collina,  
Dentro de um tenue véo de neblina,  
O echo perdido da voz do cão :  
    Cão, cão ; cão, cão...

Ao romper d'alva sigo viagem,  
Mas não agora, na farinhagem  
D'esta assombrosa noite de Deos.  
Que faço eu triste pelas estradas,  
Cheias de vultos e almas peñadas,  
Quando em repouso ficam os meus ? !

Lá, me contavam diversos casos  
De fogo andando nos rios rasos,  
De quem viaja pelo sertão...  
Valha-te, gente, Nossa Senhora !  
E vai dobrando por matto afóra  
O ermo latido do pobre cão :  
    Cão, cão ; cão, cão...



## Mauro

que Deos levou

### I

Envolto em faixas, dentro do berço...

Andava eu tonto, n'um goso immerso,

— Gorro e chinellas,

E o meu caseiro terno de brim —

Forjando nomes, vendo a folhinha...

O sol, sahindo, saudar-me vinha

Pelas janellas ;

Trinava um sino dentro de mim :

Dlim di lim,

Dlim di lim,

Dlim !

## II

De leite e rosa no seu toucado...

Sabbado alegre de baptisado !

Foi para a igreja,

Cheio de fitas, rendas tambem ;

Via-se em todos um ar de festa.

Nós dous ficámos em casa, á testa

Da aurea bandeja,

Ouvindo o sino cantar além :

Dlem de lem,

Dlem de lem,

Dlem !

## III

Amortalhado no caixãosinho...

Lá vai meu filho pelo caminho

Florido e claro,

Vibrando as azas de luz e som...

Leva este beijo, flôr de minh'alma,

Além da tua capella e palma !

Choro e reparo

Que o sino agora mudou de tom :

Dlom do lom,

Dlom do lom,

Dlom !

# INDICE



# INDICE

DEDICATORIA.....	5
------------------	---

## DOMUS AUREA

Portico .....	7
Sua alteza.....	9
II.....	10
III.....	11
IV.....	12
Turf.....	13
Na Escocia.....	14
Namorados .....	15
Ao chá.....	16
Manhã de sport.....	17
De volta.....	18
Mameluca.....	19
Outomno.....	20
De viagem .....	21
Real Senhora.....	22
Olhos de sphynge.....	23
De phaeton.....	24
Primaveril.....	25
Alleluia, alleluia !.....	26
Magnifica.....	27
Italiano.....	28
Parasol .....	29

Lgrimas.....	30
II.....	31
Duello excentrico.....	32
Shak-hand.....	33
Soberana.....	34
Rouxinolando.....	35
Amor de perdição.....	36
Dezembro.....	37
Excelsior.....	38
Maió.....	39
Amorphophalla.....	40
Sir.....	41
Azas humidas.....	42
Bacchante.....	43
Dia de seus annos.....	44
A Condessa.....	45
II.....	46
III.....	47
IV.....	48

## HELIANTHOS

Concertante.....	51
Pagina de carta.....	55
Insolencia da carne.....	59
A uma infeliz.....	63
Fidalga.....	65

## STELLARIO

I.....	73
II.....	74

## INDICE

III

III.....	75
IV.....	76
V.....	77
VI.....	78
VII.....	79
VIII.....	80
IX.....	81
X.....	82
XI.....	83
XII.....	84

## VARANDIM

Délia.....	87
A Cubana.....	88
Miss Alma.....	89
Grisette.....	90
Sangrina.....	91
Estella.....	92
Sophia.....	93
Diva.....	94
Acrobata.....	95
Gauleza.....	96
Écuyère.....	97
Olga.....	98
Carmen.....	99

## COMEDIA ELEGANTE

Em plena fantásia.....	103
Tiro ás pombas.....	107
No baile.....	111

Madrigal de um doudo.....	115
Inverno.....	119
Tête-à-tête.....	125
Dias alegres.....	129
II.....	133

#### IMPRESSIONISTAS

I.....	139
II.....	140
III.....	141
IV.....	142
V.....	143
VI.....	144
VII.....	145
VIII.....	146
IX.....	147
X.....	148
XI.....	149
XII.....	150
XIII.....	151
XIV.....	152
XV.....	153

#### VAL DE LYRIOS

Canção palomba.....	157
Nosso Pae.....	161
Meio dia.....	165
Hora do chá.....	171
Na pousada.....	175
Mauro.....	179

## DO MESMO AUCTOR

Livros de versos publicados :

	Epochas
<i>Chromos</i> (edição esgotada).....	1881
<i>Pizzicatos</i> (raro).....	1889
<i>Dona Carmen</i> , poemeto (raro).....	1890
<i>Brazões</i> .....	1895

---

### PARA BREVE

*Chromos*, 2.ª edição, revista e augmentada.

---











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).